



03 DE MAIO DE 2016

Terça-feira

- PUBLICAÇÃO DOU – NR 28
- PUBLICAÇÃO DOU – NR 12
- PERFIL DA INDÚSTRIA NO ESTADOS - FERRAMENTA INTERATIVA NO PORTAL DA INDÚSTRIA
- GM DEMITE 300 PESSOAS EM GRAVATAÍ, DIZ SINDICATO
- GRAMMER DEMITE 66 TRABALHADORES NA FÁBRICA EM ATIBAIA, SP
- PREJUÍZO DA RENAULT TRIPLICOU EM 2015
- AJUSTE FISCAL AJUDARÁ A TRACAR DESIGUALDADE, DIZ ECONOMISTA
- PRODUÇÃO INDUSTRIAL RECUA 11,4% EM MARÇO E COMPLETA 25 MESES DE QUEDA
- ARTIGO: ESCOLHAS
- GOVERNO PREVÊ SUPERÁVIT COMERCIAL ACIMA DE US\$ 45 BILHÕES EM 2016
- FATURAMENTO DA INDÚSTRIA E EMPREGO NO SETOR CAÍRAM EM MARÇO, DIZ CNI
- BRASIL E PERU ANTECIPAM ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO PARA VEÍCULOS
- INDÚSTRIA CRESCE EM MARÇO, MAS FECHA TRIMESTRE COM MAIOR BAIXA DESDE 2009
- MINÉRIO DE FERRO NA CHINA RECUA COM MERCADO AINDA VOLÁTIL
- BALANÇA COMERCIAL FECHA ABRIL COM SALDO POSITIVO DE R\$ 16,7 BILHÕES, MELHOR RESULTADO PARA O MÊS DESDE 1989
- ÍNDICE ACIONÁRIO ALEMÃO SOBE COM DADOS DA INDÚSTRIA, BANCOS ITALIANOS CAEM
- EMPRESAS DO BRASIL ENFRENTAM CRESCENTE DESAFIO COM LIQUIDEZ, DIZ MOODY'S
- CUSTO DO TRABALHO NA INDÚSTRIA CRESCER 4,3% EM 2015, DIZ FIRJAN
- QUEDA DE ENCOMENDAS PESA E CONTRAÇÃO DA INDÚSTRIA DO BRASIL PIORA EM ABRIL, MOSTRA PMI
- EUA LANÇAM INVESTIGAÇÃO SOBRE IMPORTAÇÕES DE ALGUNS TIPOS DE PLACAS DE AÇO; MEDIDA INCLUI BRASIL

- INDÚSTRIA PAULISTA PERDE PARTICIPAÇÃO NO PAÍS COM DESCENTRALIZAÇÃO, DIZ CNI
- ARRECAÇÃO DA CFEM TEM ALTA DE 98,4%
- APETITE POR MINÉRIO DE FERRO PODE GERAR BOLHA
- NISSAN TERÁ 11 MIL KICKS PARA VENDA EM AGOSTO
- VOLKSWAGEN CRIA SEU MODELO DE REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL
- FORNECEDORES DE AUTOPEÇAS E SERVIÇOS SE ADAPTAM À NOVA ERA DA INDÚSTRIA
- MAN MONTARÁ CAMINHÃO VW NA NIGÉRIA
- BRASIL PATINA PARA ENCONTRAR SEU PAPEL NA ATUAL REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
- SETOR AUTOMOTIVO ESTÁ EM ESTÁGIO DE TRANSFORMAÇÃO
- POR QUE HENRIQUE MEIRELLES É O FAVORITO DO MERCADO FINANCEIRO PARA O BRASIL DA CRISE
- EXPORTAÇÕES PUXAM AUMENTO DE RECEITA LÍQUIDA DA MARCOPOLO
- A CRISE BRASILEIRA SOB A ÓTICA DE EXECUTIVOS ESTRANGEIROS DE INDÚSTRIAS DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- CARVÃO TEM ALTO POTENCIAL TECNOLÓGICO, APONTA MIT
- USIMINAS SE TORNA A PRIMEIRA SIDERÚRGICA FORA DOS EUA A ENTRAR PARA O HALL OF FAME DA JOHN DEERE
- COM NOVA LINHA FIDELIDADE, FOMENTO PARANÁ AUMENTA LIMITE DO MICROCRÉDITO

CÂMBIO		
EM 03/05/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,566	3,567
Euro	4,103	4,105

Fonte: BACEN

Publicação DOU – NR 28

03/05/2016 - Fonte: FIEP

Segue para conhecimento alteração do Anexo II da Norma Regulamentadora n.º 28, publicado no Diário Oficial da União do dia 02 de maio de 2016, Seção 1, páginas 93.

Publicação DOU – NR 12

03/05/2016 - Fonte: FIEP

Segue para conhecimento alteração da Norma Regulamentadora n.º 12 - Segurança no Trabalho em Máquinas e Equipamentos, publicado no Diário Oficial da União do dia 02 de maio de 2016, Seção 1, páginas 94.

Perfil da Indústria no Estados - Ferramenta Interativa no Portal da Indústria

03/05/2016 - Fonte: CNI

O Portal da Indústria divulgou ontem (02) a ferramenta interativa Perfil da Indústria nos Estados. Esta ferramenta reúne diversas estatísticas da indústria para cada um dos estados e para o Distrito Federal.

Para acessar as informações, acesse o link : [AQUI](#)

GM demite 300 pessoas em Gravataí, diz sindicato

03/05/2016 - Fonte: Bem Paraná

A General Motors demitiu 300 funcionários de sua fábrica em Gravataí, no Rio Grande do Sul, segundo o sindicato dos metalúrgicos local. A empresa não confirma esse número, informa apenas que, por conta do mercado em queda, parte dos 800 empregados, que estavam com o contrato de trabalho suspensos (lay-off), não retornou à unidade.

"Durante o período do acordo, que encerrou no dia 30 de abril, mais da metade destes empregados retornaram ao trabalho pois a esperada recuperação do mercado, infelizmente, não aconteceu. Na realidade, houve queda de mais de 26% nas vendas da indústria apenas nos primeiros 4 meses de 2016", informou a montadora em comunicado.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Gravataí, Valcir Ascari, disse que a companhia não negociou com a entidade essa demissão e simplesmente enviou telegramas de dispensas para os colaboradores.

"Vamos entrar com as medidas jurídicas cabíveis para tentar reverter as demissões na fábrica. Até porque, os estoques da montadora estão ajustados e as vendas dos modelos que a empresa produz aqui, estão em alta", disse Ascari.

Em Gravataí, a GM emprega cerca de 3,5 mil funcionários e fabrica o compacto Onix e o sedã Prisma. Até abril, a montadora vendeu 25,82 mil carros o que lhe rendeu a liderança de mercado desbancando a Fiat.

"Na semana passada, mandamos uma comunicação para a montadora perguntando se o retorno dos funcionários em lay-off estava mantido. Não tivemos retorno e hoje, fomos surpreendidos com essas demissões", disse a advogada do Sindicato, Karen Muliterno de Andrade.

Segundo ela, a entidade vai entrar com um pedido de dissídio junto ao Tribunal Regional do Trabalho para suspender as demissões e marcar uma audiência de conciliação. "Foi uma decisão unilateral e arbitrária da GM."

Grammer demite 66 trabalhadores na fábrica em Atibaia, SP

03/05/2016 - Fonte: G1



A Grammer, fabricante de bancos para o setor automotivo em Atibaia (SP), demitiu 66 trabalhadores nesta segunda-feira (2). Segundo a empresa, as dispensas são para ajustar a produção a demanda do mercado.

O corte atingiu os trabalhadores dos setores produtivo e de logística.

A fábrica, que após as demissões emprega cerca de 480 funcionários, vem sendo afetada pela crise econômica desde 2014.

Por conta do impacto da crise, a Grammer foi a primeira empresa do país a aderir ao Programa de Proteção ao Emprego (PPE) do governo federal. A medida, que reduz jornada e salários, foi aprovada na época de estabilidade aos funcionários.

O Sindicato dos Metalúrgicos da região bragantina informou que havia sido informado sobre a possibilidade de demissões na Grammer. A entidade não prevê medidas para tentar reverter a decisão da empresa.

PPE renovado

Apenas um grupo de 50 trabalhadores, do setor administrativo, ainda estão no plano pró-emprego. A medida começou a valer em março por seis meses - podendo ser prorrogada por período equivalente.

Prejuízo da Renault triplicou em 2015

03/05/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



O prejuízo da Renault do Brasil triplicou no ano passado. A montadora francesa, que tem fábrica em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba), registrou perdas líquidas de R\$ 828 milhões em 2015. No ano anterior, o resultado havia ficado negativo em R\$ 270 milhões.

O número foi o pior desde 2002, quando a companhia teve prejuízo de pouco mais de R\$ 1,4 bilhão. A empresa ficou no vermelho em 11 de seus 17 anos no país.

[INFOGRÁFICO: Confira a série histórica de lucros e prejuízos da Renault no Brasil](#)

No balanço anual publicado na sexta-feira (29) no *Diário Oficial do Paraná*, a Renault ressaltou a “forte turbulência econômica no cenário nacional”, que “teve consequência direta e negativa nos resultados de praticamente todos os setores da economia brasileira”. Conforme dados da Anfavea, associação que representa as montadoras, as vendas de automóveis no país recuaram 26,5% e a produção, 22,8%.

A retração da Renault foi um pouco mais suave que a da média nacional. O número de veículos produzidos em São José dos Pinhais baixou 20%, de 253,7 mil em 2014 para 202,1 mil em 2015.

E as vendas no Brasil recuaram 23,5%, de 237,2 mil para 181,5 mil. Com isso, a participação da marca francesa no mercado doméstico subiu 0,2 ponto porcentual em relação a 2014 e alcançou 7,3% do total de automóveis vendidos no país, maior nível de sua história.

A tendência continua a mesma neste ano, com a Renault caindo um pouco menos que a média de todas as empresas. As vendas da empresa no mercado brasileiro caíram 27% no primeiro trimestre, enquanto que o mercado todo encolheu 28,4%.

A empresa disse no balanço que, apesar dos resultados negativos do setor, “manteve inalterados seus investimentos em 2015 e continuará a investir como planejado em 2016”.

Produtos

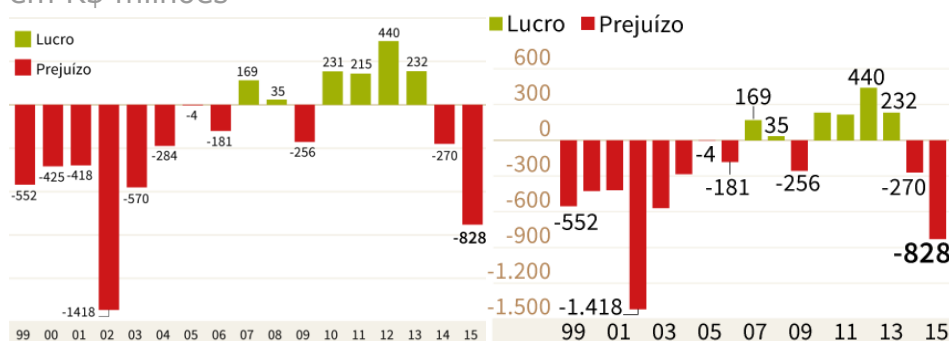
Ao comentar seus produtos, a empresa destacou o lançamento da picape Duster Oroch – “um dos modelos mais premiados da história da Renault no Brasil” – e de duas versões do Sandero (RS e GT Line), além da manutenção do Sandero como um dos dez veículos mais vendidos do país e do utilitário Master como o líder de seu segmento.

Perdas

O prejuízo da Renault em 2015 foi o segundo consecutivo, e o mais alto desde 2002.

Resultado líquido

em R\$ milhões



Fonte: Balanços da Renault. Infografia: Gazeta do Povo.

Ajuste fiscal ajudará a traçar desigualdade, diz economista

03/05/2016 - Fonte: Bem Paraná

As medidas que serão adotadas para promover o ajuste fiscal no Brasil e o impacto que elas terão sobre a camada mais rica da população ajudarão a traçar o futuro da desigualdade no país.

A avaliação é do economista Marcelo Medeiros, sociólogo, economista e pesquisador do Ipea. Durante seminário realizado pelo Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e pela Folha de S.Paulo nesta segunda (2), na série Diálogos, Medeiros ressaltou que prever o comportamento da desigualdade é muito difícil, mas afirmou

que o ajuste fiscal pode ajudar a aumentar ou diminuir as diferenças de renda, dependendo da forma que ele será feito.

"Se o ajuste for mais pesado para os ricos, haverá uma queda na desigualdade. Se o ajuste não for pesado para o 1% mais rico da população, não haverá queda", disse. Para ele, é preciso olhar mais atentamente para o topo da pirâmide para entender melhor as diferenças de renda entre os brasileiros.

"Como 1% da população detém um quarto da renda no país, o comportamento deste pequeno grupo é muito importante para determinar a desigualdade brasileira." O pesquisador participou de um trabalho no Ipea para medir a desigualdade combinando resultados da Pnad (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios, do IBGE) com dados do IRPF (Imposto de Renda Pessoa Física).

A conclusão deste trabalho é diferente da apresentada por estudos que utilizam o índice de Gini (índice que mede a desigualdade) ou dados sobre renda domiciliar para estudar o tema: de 2006 a 2012, a desigualdade manteve-se estável no Brasil.

Segundo Medeiros, as pesquisas domiciliares subestimam a desigualdade da renda, pois desconsideram informações relevantes para formular o perfil dos mais ricos, como ganho de capital e resultado de aplicações financeiras.

"Com as informações do IRPF, percebemos que a concentração de renda é muito maior do que vínhamos estimando", afirmou. Estudos que consideram apenas dados da Pnad revelam queda da desigualdade nos últimos anos, movimento impulsionado principalmente pela política de reajuste do salário mínimo.

É o caso do trabalho de Rodolfo Hoffmann, doutor em economia agrária pela USP. Também presente ao seminário, Hoffmann defendeu que houve decréscimo da desigualdade entre 1995 e 2014, período de seu estudo, mas ressaltou que o índice de Gini permite uma visão mais global da desigualdade e, por isso, deve ser acompanhado de outras informações para que haja uma interpretação mais abrangente do tema.

Ambos concordam, no entanto, que para enfrentar o problema é preciso inserir a desigualdade em todo o debate macroeconômico. "O ajuste fiscal é de quem e para quem? É preciso colocar a política redistributiva em tudo o que fazemos", disse Medeiros.

Produção industrial recua 11,4% em março e completa 25 meses de queda

03/05/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo



A produção industrial brasileira teve uma queda de 11,4% em março em relação ao mesmo mês do ano passado, divulgou nesta terça-feira (3) o IBGE.

O resultado completa o 25º mês consecutivo de queda na produção brasileira, superando a marca de dois anos de recuo ininterrupto.

O centro das expectativas da agência internacional Bloomberg apontava para recuo de 10,8%.

A queda da produção havia sido de 9,8% em fevereiro comparação anual. Em janeiro, a queda havia sido ainda maior, 13,7%, também na comparação com o mesmo período de 2015.

A sequência negativa tão longa nunca foi vista pela atual série histórica da pesquisa do IBGE, apurada desde o início de 2003.

Nos três primeiros meses deste ano, a queda da produção foi de 11,7%, na comparação anual.

Foi o pior primeiro trimestre da indústria desde 2009, quando houve queda de 14,3% na produção e o país vivia sob o impacto da crise econômica mundial.

A indústria foi um dos setores que primeiro começou a sofrer com a crise econômica e o recuo do PIB (Produto Interno Bruto) no Brasil. A falta de investimentos e o consumo das famílias em baixa contribuíram para o resultado negativo.

No intervalo de um ano —entre março deste ano e igual mês de 2015—, os segmentos que mais perderam produção foram bens de capital (-24,5%) e bens de consumo duráveis (-24,3%).

MENSAL

Na comparação de março com fevereiro, a produção avançou 1,4%. Foi o melhor resultado desde janeiro de 2014, quando houve alta de 1,8%. A estimativa dos economistas e instituições financeiras ouvidos pela Bloomberg era de avanço de 1,5%. Segundo o técnico da coordenação da Indústria do IBGE, André Luiz Macedo, a alta não significa o início de uma retomada.

Ela é efeito de uma base de comparação muito alta—as quedas verificadas em 2015 foram tão grandes que a melhora na produção não é necessariamente uma boa notícia. Além da questão estatística, Macedo lembrou que houve melhora, ainda que tímida, nos estoques de setores como informática e produtos alimentícios.

"Dado que o cenário não mudou, a alta é efeito da base de comparação. Tivemos perdas importantes em 2015 e isso explica a magnitude do avanço. Em nada muda a leitura que vínhamos fazendo de que o setor industrial está com ritmo mais lento", disse.

Artigo: Escolhas

03/05/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

Dados do primeiro trimestre indicam que a economia brasileira continua a viver momentos dramáticos. Depois da queda abrupta do PIB no ano passado, de quase 4%, caminha agora para um resultado ainda pior em 2016.

A consequência mais assustadora da recessão é o desemprego. Há hoje cerca de 11,1 milhões de pessoas desempregadas no país, muitos pais de família. E a queda do emprego persiste em ritmo alarmante, provocando redução de renda, que leva à contenção do consumo e ao aumento da recessão.

É urgente parar essa bola de neve que vem tirando mensalmente do mercado de trabalho mais de 100 mil pessoas, o que exige medidas corajosas. Ninguém consegue entender, por exemplo, como é possível que seja mantida uma taxa básica de juros de 14,25% ao ano numa situação como essa vivida no país.

Houve na semana passada uma oportunidade para que esse absurdo brasileiro começasse a ser corrigido com a diminuição da taxa Selic, mostrando um sinal positivo. Mas a oportunidade foi outra vez perdida.

Nesse cenário, vai ser votado na próxima semana o afastamento da presidente da República por 180 dias. Com Dilma ou sem Dilma, terá de haver um governo renovado nos próximos dias, que será desafiado a fazer uma escolha: ou atende aos reclamos do setor produtivo, que pede a redução de juros, a volta do crédito e o estímulo ao investimento e ao consumo, ou acata, como se vem fazendo, o discurso do setor financeiro.

A escolha vai ficar clara quando o governo, seja com Dilma Rousseff ou com Michel Temer, nomear a nova equipe econômica, nos vários ministérios da área, no Banco Central, no BB, na Caixa e no BNDES. Se a escolha for pela ortodoxia neoliberal, o foco principal estará na austeridade fiscal, com vistas a equilibrar rapidamente as contas públicas e a deixar para resolver os problemas da recessão e do desemprego no longo prazo.

Foi o que se fez no ano passado, no início do segundo mandato da presidente Dilma, com tentativa de aumento de impostos, cortes de gastos e reajuste abrupto (e não escalonado no tempo) de tarifas públicas que estavam defasadas. Deu tudo errado: a inflação subiu, a recessão se aprofundou e as receitas públicas desabaram, aumentando o desequilíbrio das contas da União e dos Estados.

Se por outro lado a escolha recair sobre nomes da corrente menos conservadora, poderemos esperar um combate imediato à recessão e uma busca do equilíbrio de contas no médio e longo prazo, com corte de gastos correntes e preservação de investimentos.

O equilíbrio fiscal é necessário, mas não dá para achar que tudo se resolve com isso num cenário como o atual, de mais de 11 milhões de desempregados. Será necessário agir com urgência, por exemplo, para reabrir as portas do crédito ao setor privado, que está quase totalmente travado –a economia não vai retomar seu ritmo sem esse destravamento.

E também aperfeiçoar de imediato o processo de concessões públicas.

De outra parte, a pior opção que se apresenta neste momento é a de aumentar impostos, seja pela ressurreição da CPMF, seja pela majoração de alíquotas. O resultado disso seriam mais recessão e menos receitas públicas. O problema fiscal só poderá ser resolvido com o aumento de arrecadação decorrente da volta do crescimento da economia e do emprego, e não com a elevação da já pesada carga tributária.

(Benjamin Steinbruch- é empresário, diretor-presidente da CSN e presidente do conselho de administração e 1º vice-presidente da Fiesp).

Governo prevê superávit comercial acima de US\$ 45 bilhões em 2016

03/05/2016 - Fonte: G1

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), Armando Monteiro Neto, subiu de US\$ 35 bilhões para um valor entre US\$ 45 bilhões e US\$ 50 bilhões, a estimativa de superávit (exportações maiores que importações) da balança comercial brasileira em 2016.

Se superar US\$ 46,45 bilhões, saldo positivo registrado em 2006, o superávit será o maior da série histórica do governo, que começa em 1989. Para o ministro, esse saldo será superado em 2016 e a balança terá recorde histórico.

Na parcial dos quatro primeiros meses deste ano, informou o governo nesta segunda-feira (2), a balança comercial registrou um superávit de US\$ 13,24 bilhões. O resultado é bem melhor do que o verificado no mesmo período do ano passado: déficit de US\$ 5,05 bilhões.

Foi o primeiro saldo positivo para este período desde 2012 e o melhor resultado desde o início da série histórica, em 1989, ou seja, em 28 anos. Até então, o maior saldo comercial, para o período de janeiro a abril, havia sido registrado em 2007 (+US\$ 12,9 bilhões).

Na parcial de 2016, as exportações somaram US\$ 55,94 bilhões, com média diária de US\$ 690 milhões (queda de 3,4% sobre o mesmo período do ano passado). As importações, por sua vez, somaram US\$ 42,69 bilhões, ou US\$ 527 milhões por dia útil, uma queda de 32,2% em relação ao mesmo período de 2015.

Estimativas para 2016

A expectativa do mercado financeiro para este ano é de melhora do saldo comercial, segundo pesquisa realizada pelo Banco Central com mais de 100 instituições financeiras na semana passada. O próprio BC também prevê melhora no saldo comercial.

A previsão dos analistas dos bancos é de um superávit de US\$ 48 bilhões nas transações comerciais do país com o exterior para 2016.

Já o Banco Central prevê um superávit da balança comercial de US\$ 40 bilhões para 2016, com exportações em US\$ 190 bilhões e compras do exterior no valor de US\$ 150 bilhões.

Faturamento da indústria e emprego no setor caíram em março, diz CNI

03/05/2016 - Fonte: G1

Após dois meses de crescimento, o faturamento da indústria voltou a cair em março, informou a Confederação Nacional da Indústria (CNI) nesta segunda-feira (2). A queda foi de 1,2% em março ante fevereiro. Na comparação com março de 2015, o recuo foi ainda maior: 14,5%.

O emprego na indústria caiu pelo 14º mês consecutivo. Na comparação com março, houve queda de 0,6%. Ante março de 2015 o recuo foi de 9,2%.

Para a CNI, os dados referentes ao mês de março apontam "pouca alteração" no quadro "bastante adverso" da atividade industrial.

As horas trabalhadas no mês de março apresentaram um pequeno crescimento, de 0,2%. Na comparação com março do ano passado, no entanto, houve queda de 9,9%.

A utilização da capacidade instalada ficou em 77,4% em março, que, segundo a CNI, é o segundo menor valor da série histórica do índice. O menor, de 77,1%, foi registrado em janeiro deste ano.

Trimestre

Na comparação dos três primeiros meses deste ano com o primeiro trimestre de 2015, os dados da CNI apontam que todos os indicadores tiveram queda. A redução do faturamento foi de 13,2% e das horas trabalhadas, 10,5%. O emprego caiu 9,3% no mesmo período.

Para o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, os dados dos três primeiros meses do ano indicam que a expectativa para 2016 é de redução da atividade industrial.

"As perspectivas para este ano continuam de queda na atividade industrial. É necessário um esforço urgente de retomada da atividade", afirmou.

Brasil e Peru antecipam acordo de livre comércio para veículos

03/05/2016 - Fonte: G1



Os governos do Peru e do Brasil assinaram na última sexta-feira (29) três instrumentos para aprofundar as relações comerciais e os investimentos em ambos os países. Um deles é a antecipação com efeito imediato do acordo de livre comércio de veículos leves e picapes, previsto inicialmente para 2019.

O Peru tem um mercado pequeno, de cerca de 160 mil unidades por ano, mas qualquer ajuda é bem vista pelas fabricantes brasileiras, que estão com capacidade ociosa, devido a queda brusca de vendas nos dois últimos anos.

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, os veículos feitos no Brasil respondem atualmente por apenas 3% do mercado peruano. Com o livre comércio, este índice poderá subir, afirmou o governo.

O acordo bilateral também abriu as licitações do governo peruano às empresas brasileiras, sem exigência de depósito antecipado de 5% da capacidade de contratação. A abertura é válida inclusive para outros setores.

Segundo o Ministério de Comércio Exterior e Turismo do Peru, os novos acordos aprofundam a relação econômico-comercial entre os países, tornando-a semelhante a um tratado livre-comércio, informou a agência EFE.

"Em nível mundial, em 2015, o Brasil foi o quarto parceiro em troca comercial e o oitavo mercado de exportações, com vendas que ficaram em US\$ 1,07 bilhão. Além disso, foi o terceiro país fornecedor de mercadorias, com US\$ 1,93 bilhão", declarou a ministra do Comércio Exterior e Turismo do Peru, Magali Silva.

"Esse acordo procura promover os investimentos bilaterais, fortalecer e impulsionar o comércio de serviços e aproveitar as oportunidades que brindam as aquisições efetuadas pelos governos, propiciando uma maior participação das pequenas e médias empresas", destacou Magali.

Indústria cresce em março, mas fecha trimestre com maior baixa desde 2009

03/05/2016 - Fonte: G1

A produção da indústria brasileira cresceu 1,4% em março, na comparação com o mês anterior, segundo informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nesta terça-feira (3). O avanço é o maior desde janeiro de 2014, quando chegou a 1,8%. Em relação a março do ano passado, o setor recuou 11,4%.

No entanto, no primeiro trimestre deste ano, a indústria acumula um recuo de 11,7%. Segundo a pesquisa, essa é a maior retração - para o período - desde 2009, quando a atividade fabril caiu 14,2%. Em 12 meses, o indicador sofreu redução de 9,7%, a maior desde outubro de 2009, quando chegou a 10,3%.

De acordo com André Luiz Macedo, gerente de indústria do IBGE, o resultado positivo observado no mês de março "se deve muito mais a uma base de comparação mais baixa...

na medida que a queda do mês anterior já tinha sido bastante relevante. Então, essa questão da base de comparação mais reprimida explica a magnitude do avanço desse mês.”

De fevereiro para março, a principal influência positiva entre os setores analisados partiu da indústria de produtos alimentícios, que avançou 4,6%. Também cresceram as produções de máquinas e equipamentos (8,5%), de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (8,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (2,7%), além de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (3,6%) e produtos de madeira (4,2%).

O aumento do indicador mensal não foi maior porque a produção das indústrias de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, entre outras, recuou 6,5%.

A categoria de bens de capital - que são máquinas e equipamentos, que caíram durante meses seguidos, cresceu 2,2%. Os setores produtores de bens de consumo semi e não-duráveis também avançaram: 0,9%, de bens de consumo duráveis, 0,3%, e de bens intermediários, 0,1%.

Segundo o gerente do IBGE, em alguns segmentos, como o setor de alimentos, equipamentos de informática e eletrônicos, houve uma melhora no nível dos estoques, o que também impactou positivamente a taxa no mês.

“Vemos alguns setores normalizando os estoques que permaneceram por bom tempo um nível acima. Em alguns segmentos há uma melhora. Outro ponto: alguns movimentos de alguns grupos relacionados com as exportações dando contribuição positiva”. Macedo ressaltou, porém, que esse crescimento “não suplanta em nada a perda observada em especial nos últimos trimestres de 2015.”

Nem tanto otimismo

Em termos de distanciamento do ponto mais elevado da produção industrial, Macedo afirmou que o patamar observado em março de 2016 “está algo em torno de 20,5% de distância, em relação a junho de 2013, quando foi observado o patamar mais alto da série.”

“Em nada muda o cenário que a gente vem comentando. Ou seja, o março mostrou uma melhora de ritmo, mas não recupera as perdas passadas do setor indústria. E mais do que isso, não reverte a tendência de trajetória de queda que vimos mostrando. Não é uma melhora que signifique uma reversão de cenário”, afirmou.

No trimestre

No trimestre, a maioria dos ramos da indústria registrou fortes quedas. A de veículos automotores, reboques e carrocerias, por exemplo, recuou 27,8%, e as extrativas, 15,3%.

Também mostraram resultados negativos as produções de máquinas e equipamentos (-23,7%), de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-34,7%), de metalurgia (-13,9%) e de produtos de borracha e de material plástico (-15,7%), entre outros.

Na análise das grandes categorias econômicas, a de bens de capital caiu 28,9% e a de bens de consumo duráveis, 27,3%, “pressionadas especialmente pela redução na fabricação de bens de capital para equipamentos de transporte (-28,6%), na primeira; e de automóveis (-25,3%) e eletrodomésticos (-34,8%), na segunda”.

Recuaram ainda os segmentos de bens intermediários (-10,3%) e de bens de consumo semi e não-duráveis (-4,5%).

Minério de ferro na China recua com mercado ainda volátil

03/05/2016 - Fonte: R7

Os contratos futuros do minério de ferro na China caíram acentuadamente nesta terça-feira, acompanhando uma queda do aço e perdendo força após ganhos acentuados, com siderúrgicas chinesas elevando a produção e as bolsas atentas aos mercados de commodities após as fortes oscilações recentes.

A queda dos preços foi acompanhada por fortes baixas nos volumes negociados e contratos em aberto, com os investidores em retirada após uma disparada de compras levantar temores de que os mercados caminhassem para um perigoso ciclo de formação e estouro de bolhas.

Os contratos em aberto para o contrato mais ativo de minério de ferro na bolsa de Dalian caíram para o menor nível desde novembro de 2015.

Na sexta-feira, o regulador do mercado chinês exigiu que as bolsas de contratos futuros de commodities tomassem urgentemente medidas para conter especulações excessivas, dizendo que não permitiria que os mercados futuros se tornassem um abrigo para especuladores.

O contrato de minério de ferro para setembro, mais negociado na bolsa de Dalian, fechou em queda de 3 por cento, a 442,50 iuanes a tonelada, após tocar uma mínima da sessão de 431 iuanes.

Balança comercial fecha abril com saldo positivo de R\$ 16,7 bilhões, melhor resultado para o mês desde 1989

03/05/2016 - Fonte: R7

A balança comercial brasileira registrou em abril o melhor resultado desde o início da série histórica em 1989. O superávit somou R\$ 16,7 bilhões (US\$ 4,861 bilhões), resultado de exportações de 52,6 bilhões (US\$ 15,374 bilhões) e importações de R\$ 36,1 bilhões (US\$ 10,513 bilhões).

Somente na quinta semana do mês passado, a balança teve um superávit de R\$ 4,1 bilhões (US\$ 1,278 bilhão), com vendas externas de R\$ 13 bilhões (US\$ 3,802 bilhões) e importações de R\$ 8,6 bilhões (US\$ 2,523 bilhões).

O saldo positivo ficou dentro das expectativas de mercado, que apontavam para um superávit de R\$ 13,4 bilhões (US\$ 3,9 bilhões) a R\$ 17,5 bilhões (US\$ 5,1 bilhões). A mediana encontrada é de US\$ 4,705 bilhões, após a pesquisa com 18 instituições do mercado.

No acumulado dos quatro primeiros meses do ano, a balança está superavitária em R\$ 45,4 bilhões (US\$ 13,249 bilhões), o melhor resultado desde 1989 tanto para abril quanto para o acumulado dos quatro primeiros meses do ano.

As exportações somaram R\$ 192 bilhões (US\$ 55,948 bilhões) no primeiro quadrimestre desse ano, e as importações totalizaram R\$ 146 bilhões (US\$ 42,699 bilhões).

Índice acionário alemão sobe com dados da indústria, bancos italianos caem

03/05/2016 - Fonte: R7

A maioria dos mercados acionários europeus subiu nesta segunda-feira após fortes perdas na sessão anterior, com as ações alemãs se destacando após uma pesquisa positiva sobre a indústria.

Entretanto, os bancos italianos caíram após as últimas medidas do governo para lidar com o alto volume de empréstimos inadimplentes ficarem aquém das expectativas.

Os volumes de negócios foram baixos uma vez que o mercado britânico e outras bolsas da região permaneceram fechados devido a um feriado.

O índice das principais ações europeias FTSEurofirst 300 recuou 0,03 por cento, a 1.342 pontos, enquanto o índice de blue chips da zona do euro Euro Stoxx 50 subiu 0,14 por cento, para 3.032 pontos.

O índice DAX da Alemanha teve alta de 0,84 por cento após a pesquisa Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) mostrar que a atividade industrial do país subiu à máxima de três meses em abril, impulsionada pelo crescimento da demanda doméstica e internacional.

Mas o índice de blue chips de Milão FTSE MIB recuou 0,97 por cento diante das quedas de 3,7 a 7,3 por cento dos bancos UniCredit, Monte dei Paschi e Banco Popolare.

O governo italiano aprovou na sexta-feira um decreto para acelerar a recuperação dos empréstimos em uma tentativa de ajudar os bancos a lidarem com o alto volume de empréstimos inadimplentes e restaurar a confiança no setor. Mas os investidores demonstraram nesta segunda-feira alguma cautela com as medidas e disseram que levará tempo para o impacto ser visível.

Em LONDRES, o índice Financial Times não abriu para negócios.

Em FRANKFURT, o índice DAX subiu 0,84 por cento, a 10.123 pontos.

Em PARIS, o índice CAC-40 ganhou 0,31 por cento, a 4.442 pontos.

Em MILÃO, o índice Ftse/Mib teve desvalorização de 0,97 por cento, a 18.420 pontos.

Em MADRI, o índice Ibex-35 registrou baixa de 0,04 por cento, a 9.022 pontos.

Em LISBOA, o índice PSI20 valorizou-se 0,67 por cento, a 5.086 pontos.

Empresas do Brasil enfrentam crescente desafio com liquidez, diz Moody's

03/05/2016 - Fonte: R7

A agência de classificação de risco Moody's afirmou que a manutenção da liquidez se tornará um desafio cada vez maior para as empresas do Brasil ao longo do próximo ano, já que a economia do País continuará fraca.

"A contração econômica existente no Brasil deixa os bancos mais cautelosos para emprestar para companhias brasileiras e as preocupações políticas também pesam sobre a confiança do consumidor e das empresas", afirma a agência. "A Moody's espera que a economia do Brasil contraia cerca de 3,5% em 2016, após encolher 4% no ano passado."

Entre as empresas brasileiras, 33% tinham risco de financiamento em 2015, ante 28% de 2014, segundo relatório da Moody's. A agência define que a exposição ao risco para o financiamento é alto quando as fontes de liquidez de uma companhia cobrem menos de 150% dos vencimentos de dívidas ao longo dos próximos 12 meses.

Diante disso, a agência prevê que as companhias sigam conservadoras em seus gastos e controlando custos, com a dinâmica doméstica apontando para "uma perspectiva econômica desafiadora".

A Moody's avalia que os setores de petróleo e gás e construção têm alto risco de liquidez, enquanto as de transporte, mídia e telecomunicações, metais e mineração têm risco médio.

Custo do trabalho na indústria cresceu 4,3% em 2015, diz Firjan

03/05/2016 - Fonte: R7

Apesar dos sucessivos cortes de trabalhadores e reduções nos salários reais dos empregados, o custo por trabalhador na indústria continuou aumentando em 2015, de acordo com um estudo da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) obtido com exclusividade pelo Broadcast, serviço de notícias em tempo real da Agência Estado.

O levantamento mostra que o custo unitário do trabalho (CUT) cresceu 4,3% no ano passado. Em dólar, no entanto, o CUT diminuiu em grau suficiente para restaurar a competitividade da indústria brasileira no mercado internacional, após a desvalorização do real em relação à moeda americana, dizem especialistas.

O aumento do custo do trabalho em reais apontado pela Firjan é fruto da intensa redução no número de horas trabalhadas na indústria em 2015 (-10,2%) a reboque dos cortes na produção, sem que a massa salarial tenha acompanhado esse movimento na mesma magnitude (o recuo foi de 6%).

Como a produtividade - o quanto um indivíduo é capaz de produzir em determinado período - cresceu só 0,4%, o peso de arcar com esses trabalhadores ficou maior, explicou o economista Guilherme Mercês, gerente de Ambiente de Negócios e Infraestrutura do Sistema Firjan.

"As empresas estão pagando mais por um trabalhador que produz menos a cada hora de trabalho", resumiu Mercês.

A principal consequência do aumento de custos é a menor capacidade para investir na modernização das fábricas e na contratação e qualificação de mão de obra - iniciativas que contribuem para aprimorar a produtividade. "Quando há um choque de custo, a margem de lucro cai e há consequente queda na capacidade de investimento. Nos últimos anos, isso se agravou", afirma Mercês.

Em relação à competitividade com atores do mercado internacional, porém, a situação da indústria brasileira melhorou com a desvalorização do real ante o dólar. Só ano passado, a moeda americana avançou 48,9%, cumprindo o caminho desejado por empresários que reclamavam da enxurrada de importados no País e da dificuldade em vender seus produtos lá fora.

Com a ajuda do câmbio, o custo por trabalhador calculado em dólar vem caindo de forma sistemática desde o segundo semestre de 2014, ressaltou Rafael Bacciotti, analista da Tendências Consultoria Integrada.

"Na série do CUT em dólares calculada pelo Banco Central, a indústria apresenta perda de competitividade de forma clara e contínua desde 2003. O mercado de trabalho estava muito pressionado. Agora, já estamos recuperando o patamar de competitividade que tínhamos em janeiro de 2009", ressaltou Bacciotti.

O analista afirma que o CUT em dólares é a melhor medida para avaliar a competitividade, porque mostra a atratividade dos produtos brasileiros não apenas no mercado externo mas também dentro do País, uma vez que ganha vantagem em relação aos importados.

"Nós vemos esse alívio na competitividade da indústria. Embora a demanda não esteja ajudando, se olharmos o resultado do PIB (Produto Interno Bruto) do ano passado, o setor externo foi o que impediu que a queda fosse mais forte", disse Bacciotti.

Em 2015, as exportações de bens e serviços cresceram 6,1%, enquanto as importações tiveram queda de 14,3%, de acordo com os dados das Contas Nacionais divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"A desvalorização do real, após longo período de dólar barato, deu à indústria nova capacidade de competir, tanto com importados quanto no mercado internacional. O dólar entre \$\$ 3,70 e R\$ 3,80 restabelece as condições de competitividade da indústria", observa o economista Antonio Corrêa de Lacerda, professor da PUC-SP.

Setores como o de celulose, altamente voltado para o mercado externo, já sentem o impacto positivo do câmbio. No entanto, o analista Rafael Bacciotti explica que a melhora na produtividade industrial também teve grande contribuição do enxugamento na folha de pagamento do setor.

A folha de pagamento real da indústria encolheu 7,9% no ano de 2015, de acordo com a extinta Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes), apurada até o fim do ano passado pelo IBGE.

A instabilidade política, contudo, é vista como um fator de incerteza para esse ajuste na competitividade da indústria brasileira. Segundo Lacerda, não há garantias de que o câmbio permanecerá nesse patamar, e o ambiente nebuloso que paira sobre a economia prejudica qualquer tentativa de antecipar os rumos da política econômica, seja no governo da presidente Dilma Rousseff (PT) ou de um eventual governo de Michel Temer (PMDB).

"Só não podemos cair na tentação de revalorizar o real. Por que não resistiram em usar o câmbio para combater a inflação? Porque é mecanismo fácil e traz resultados no curto prazo. Porém, no longo prazo, provoca desindustrialização, desemprego na indústria e desequilíbrio nas contas externas", defendeu o professor da PUC-SP.

Queda de encomendas pesa e contração da indústria do Brasil piora em abril, mostra PMI

03/05/2016 - Fonte: DCI



A forte queda no volume de novas encomendas diante das crises econômica e política abalou com força as condições da indústria brasileira em abril, resultando em forte redução no número de funcionários, mostrou o Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês) divulgado nesta segunda-feira.

O PMI da indústria do Brasil, informou o Markit, caiu a 42,6 em abril, contra 46,0 em março, marca mais baixa desde março de 2009 e o 15º mês seguido em contração. Resultado acima de 50 demonstra expansão e, abaixo disso, retração.

"Há poucos sinais até agora de recuperação, já que a economia continua em situação frágil e a paralisia política deve persistir", disse em nota a economista do Markit Pollyanna De Lima.

A entrada de novas encomendas caiu em abril no ritmo mais rápido desde março de 2009, com os entrevistados apontando fraqueza da demanda interna. Isso levou as empresas a reduzirem a produção pela taxa mais forte desde novembro do ano passado.

De acordo com o Markit, cerca de 36 por cento dos entrevistados informaram volumes mais baixos de produção, que foram observados tanto nas categorias de bens de consumo como de bens intermediários e de capital.

Por outro lado, as encomendas do exterior cresceram pelo quinto mês seguido, atingindo a maior taxa de expansão da pesquisa por conta da fraqueza do real sobre o dólar.

Mas se a desvalorização da moeda ajuda neste ponto, ela torna os preços pagos pelas matérias-primas mais caros. Em abril, o aumento dos preços de compra foi o mais forte desde julho de 2008.

"(A alta dos preços de matérias-primas) deve pesar sobre o poder de precificação das empresas nos próximos meses, já que as indústrias devem repassar os aumentos de custos a seus clientes", completou Pollyanna.

Com as tentativas de redução de custos diante desse cenário, as indústrias brasileiras cortaram empregos no mês passado, ao ritmo mais rápido na história da pesquisa. Os três grupos monitorados apresentaram redução de funcionários.

Apesar dos resultados negativos, outros indicadores mostraram que o setor industrial no Brasil pode estar melhorando a confiança. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) subiu ao maior patamar em um ano no mês passado.

EUA lançam investigação sobre importações de alguns tipos de placas de aço; medida inclui Brasil

03/05/2016 - Fonte: DCI



O Departamento de Comércio dos Estados Unidos informou no final da sexta-feira que lançou uma investigação comercial sobre importações de certos tipos de placas de aço carbono cortadas sob medida e vendidas por uma série de países, incluindo Brasil, China e Coreia.

A investigação foi lançada a pedido de ArcelorMittal USA, Nucor e SSAB, informou o departamento.

Além dos três países, a investigação, que pode resultar em tarifas antidumping, envolve material produzido por Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Itália, Japão, África do Sul, Taiwan e Turquia.

Ao mesmo tempo, o departamento informou que iniciou inquérito para iniciar cobrança de tarifas de compensação sobre importações enviadas por Brasil, China e Coreia.

O departamento informou que a Comissão Internacional de Comércio dos EUA marcou a divulgação de uma decisão preliminar sobre se empresas do país foram prejudicadas para até 23 de maio.

Indústria paulista perde participação no País com descentralização, diz CNI

03/05/2016 - Fonte: DCI



A indústria de São Paulo está perdendo participação na economia, com o avanço da descentralização da atividade produtiva no País. Nos próximos anos essa tendência deve se confirmar, com novas regiões ganhando importância.

De acordo com estudo da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), o Produto Interno Bruto (PIB) industrial de São Paulo somou R\$ 323,3 bilhões em 2013 - dado mais recente compilado pela CNI. O valor corresponde a 28,6% do total da indústria nacional ante 32,1% em 2010.

"Com o aumento da renda no País, outros estados passaram a atrair as empresas, provocando uma descentralização [da produção]. Os resultados da indústria em 2014, 2015 e 2016 devem confirmar essa tendência", disse a economista da CNI, Maria Carolina Marques.

Ela ressalta que o avanço da produção em outros estados não é só resultado de uma migração das fábricas. As indústrias não devem deixar São Paulo, mas a expectativa é de expansão da atividade com a instalação de novas plantas próximas às regiões nas quais a demanda cresceu nos últimos anos.

Embora tenha perdido participação no PIB industrial, São Paulo ainda respondia por 38,6% do total da indústria de transformação no País em 2013. As regiões Sul e Sudeste concentram 80% da atividade do setor, enquanto Norte, Nordeste e Centro-Oeste representam, juntas, 19,2% da fabricação brasileira de itens transformados.

"São Paulo enfrenta o mesmo que outros centros produtivos consolidados. Depois de se tornar polo de mão de obra qualificada e infraestrutura, a região tem se tornado cara, com a alta dos salários e aluguéis, além de dificuldades logísticas em função do aumento do trânsito", disse Carolina.

Na avaliação do economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Nelson Marconi, a mão de obra e outros custos elevados podem motivar alguns setores da indústria a investirem em outras regiões pelo País. O estado de São Paulo, entretanto, continuará respondendo por parte considerável da produção brasileira.

"O estado manteve sua participação em setores com conteúdo tecnológico e, para essas indústrias, a exigência de mão de obra qualificada e acesso a centros de pesquisa faz com que não seja interessante se instalar em novas regiões apenas pelos custos", citou ele.

As empresas de química, farmacêutica, de perfumaria, máquinas e equipamentos elétricos e outros equipamentos de transporte continuam fortes em São Paulo. Já nos

setores de veículos automotores, informática, eletrodomésticos de linha branca e alimentos, a indústria paulista perdeu representatividade.

Diversificação

Os estados nos quais a indústria de transformação mais avançou em relação à economia local no período de 2010 a 2013, de acordo com a CNI, foram Amapá com alta de 2,5 pontos percentuais, Maranhão (+1,5), Mato Grosso do Sul (+1,0), Sergipe (+0,7) e Pernambuco (+0,5), Roraima (+0,1) e Tocantins (+0,05). Parte dessas altas é atribuída a diversificação da atividade fabril.

Nos estados do Amazonas (-8,1), Bahia (-5,3), Minas Gerais (-3,6), Rio Grande do Norte (-3,3), Mato Grosso (3,2) e Espírito Santo (-3,1) foram registradas as maiores quedas na participação da indústria de transformação na economia.

"Podemos ver indústrias nas regiões Sul e Sudeste sofrendo mais os efeitos da desaceleração econômica recente, por concentrar a produção de bens de maior valor agregado. Mas sem melhoras no País, todos os estados tendem a ser afetados", comentou o economista da CNI, Marcelo Azevedo.

Arrecadação da Cfem tem alta de 98,4%

03/05/2016 - Fonte: Diário do Comércio

A arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem) no Estado continua aumentando. No acumulado do ano até abril, foram recolhidos R\$ 391,1 milhões com o royalty da mineração contra R\$ 197,1 milhões nos mesmos meses de 2015, um crescimento de 98,4%. Os dados foram divulgados pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

Com o resultado, Minas se manteve na primeira posição entre todos os estados arrecadadores da Cfem no País, com uma participação de praticamente 53% do total recolhido em todo o Brasil no quadrimestre inicial deste ano (R\$ 738,5 milhões).

Dentro do Estado, somente os royalties do minério de ferro geraram o recolhimento de R\$ 351,4 milhões entre janeiro e abril, o que representa 89,8% de toda a receita estadual com a contribuição e um aumento de 118% frente ao valor recolhido apenas com o insumo no mesmo intervalo de 2015 (R\$ 161,2 milhões).

Mesmo com o crescimento da arrecadação da Cfem relativa ao minério de ferro no Estado, o preço da commodity no mercado mundial caiu de uma média US\$ 70 a tonelada no começo de 2015 para US\$ 59,5 em média atualmente, conforme informações de mercado. Isso representa uma queda em torno de 15%.

O recolhimento dos royalties relativos à exploração de ouro no Estado também aumentou. No primeiro quadrimestre, a arrecadação da Cfem referente apenas ao metal precioso somou R\$ 15 milhões, montante 23% maior do que o recolhido no mesmo período do exercício anterior (R\$ 12,2 milhões). Minas é o maior produtor e exportador nacional do produto.

O crescimento da receita gerada com a arrecadação da Cfem entre janeiro e abril deste ano também foi verificado nos principais municípios mineradores do Estado. A exceção foi Araxá, no Alto Paranaíba, onde houve uma queda de 23,6%. No município, a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) explora nióbio e se mantém líder mundial na produção do produto.

Com base nas informações do DNPM, em Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), a arrecadação da Cfem alcançou R\$ 12,5 milhões entre janeiro e abril deste ano sobre R\$ 10 milhões em iguais meses do exercício anterior, com alta de 25%.

Em Nova Lima, também na RMBH, a receita gerada com o recolhimento dos royalties da mineração totalizou R\$ 52,1 milhões no primeiro quadrimestre, 100,3% a mais que os R\$ 26 milhões arrecadados no município nos mesmos meses de 2015. Na mesma comparação, Itabira (região Central) recolheu R\$ 86,6 milhões contra R\$ 21,2 milhões, um salto de 308,5%.

Em Itabirito, também na região Central do Estado, a arrecadação da Cfem cresceu 180% nos quatro primeiros meses de 2016 (R\$ 40,6 milhões) no confronto com igual quadrimestre de 2015 (R\$ 14,5 milhões). Nesta base de comparação, o recolhimento dos royalties da mineração em Mariana também evoluiu, somando R\$ 40,2 milhões ante R\$ 24,7 milhões, alta de 62,7%.

Em Congonhas, no Campo das Vertentes, a receita com o recolhimento da Cfem somou R\$ 24,7 milhões entre janeiro e abril deste ano e avançou 19,3% em relação ao montante recolhido nos mesmos meses do exercício anterior, quando somou R\$ 20,7 milhões, de acordo com os dados do DNPM.

Apetite por minério de ferro pode gerar bolha

03/05/2016 - Fonte: Diário do Comércio

O preço do minério de ferro durante décadas foi decidido em negociações secretas entre as maiores mineradoras do mundo e as siderúrgicas. Agora, a força dominante é um obscuro mercado de commodities no nordeste da China, em um exemplo claro de como o poder de definir os preços de itens que vão do aço ao cobre caminha para o oriente.

A mudança foi impulsionada por investidores chineses, que colocaram bilhões de dólares nos futuros de minério de ferro negociados na Bolsa de Commodities de Dalian. As apostas geraram tanto volume em dólares quanto os futuros de ouro em Nova York, segundo dados do Citigroup. Isso também criou algo que não havia antes no mercado para o minério de ferro: preços visíveis, em tempo real.

Esses preços estão disparando. Apesar do excesso de oferta de minério de ferro em 2016, os futuros do minério de ferro em Dalian subiram 46% desde o início do ano. Os preços para o minério de ferro no mercado físico avançaram 52%, para atingir a máxima em 15 meses, a US\$ 68,70 a tonelada em 21 de abril.

Na sexta-feira, a commodity física era negociada a US\$ 65,20 a tonelada, enquanto o contrato mais ativo na Bolsa de Dalian fechou a 462 yuans (US\$ 70,36 a tonelada).

O avanço do preço gera a preocupação entre os reguladores chineses e também entre os produtores de minério de ferro. Há o temor de que a compra por especulação crie uma bolha e condições voláteis, que dificultam a proteção contra grandes variações.

“Os volumes que são negociados agora são tão altos que eles fragilizam o mercado físico e serão uma influência massiva de agora em diante”, afirmou Nev Power, diretor executivo da australiana Fortescue Metals Group, quarta maior exportadora de minério de ferro no mundo. “O lado negativo é a volatilidade que temos visto: isso torna difícil prever que preço haverá mais adiante.”

Cerca de US\$ 330 bilhões em futuros de minério de ferro foram negociados em Dalian em abril, mais que o dobro do giro mensal de fevereiro e quase quatro vezes o montante gasto no mercado físico do minério de ferro internacionalmente em um ano.

Em uma estratégia para acalmar o mercado nos últimos dias, a Bolsa de Dalian elevou os custos para transações e o montante de margem, ou depósito, que os investidores precisam colocar para negociar.

Os futuros de minério de ferro recuaram 5,4% na última quarta-feira, após caírem o máximo de 6% permitido na terça-feira. Na semana anterior, os futuros subiram 5,9% em dois dias consecutivos. Na quinta-feira, a bolsa também proibiu 13 investidores de abrir posições temporariamente e advertiu que mais de 200 clientes violaram regras de negociações.

A China é o principal consumidor mundial de vários metais, do cobre ao alumínio. O país compra mais de dois terços do minério de ferro no mercado internacional, portanto os sinais sobre a demanda do país são acompanhados com atenção.

Nissan terá 11 mil Kicks para venda em agosto

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A Nissan mostra pela primeira vez em todo o mundo a versão final do modelo Kicks, que começa a ser vendido em 5 de agosto, mesmo dia do início da Olimpíada. O utilitário esportivo é o carro oficial do evento e virá num primeiro momento do México, onde já é produzido desde março, na unidade de Aguascalientes. "Em agosto haverá 11 mil unidades disponíveis no Brasil", garante o presidente da Nissan no País, François Dossa.

"O Brasil será o primeiro a receber o carro", diz o executivo, que esta semana comemora quatro anos de sua chegada ao País. Ainda em 2016 o Kicks estará à venda em outros mercados latino-americanos e até o fim do primeiro trimestre de 2017 terá início a produção brasileira do modelo, na fábrica de Resende (RJ), onde hoje são montados o hatch March e o sedã Versa. A unidade recebeu R\$ 750 milhões para produzir o utilitário esportivo.

"Os principais concorrentes do Kicks serão Honda HR-V, Jeep Renegade, Ford EcoSport e Chevrolet Tracker", diz o presidente da Nissan América Latina, José Luis Valls. "Acreditamos em 2,5 mil a 3 mil unidades nos primeiros meses", afirma o executivo. Ele estima que o lançamento elevará a participação de mercado da Nissan dos atuais 2,85% para 3% no ano fiscal de 2016, que termina em 31 de março de 2017.

A versão final manteve o estilo do carro-conceito mostrado no Salão do Automóvel de 2014. Segundo a fabricante, ele resulta da colaboração entre as equipes do Nissan Design América, na Califórnia, e o estúdio-satélite Nissan Design América-Rio, com a coordenação do Centro Mundial de Design da Nissan, no Japão.



Com 2,61 de distância entre eixos, Kicks tem bom espaço interno. Nissan ainda não informa capacidade do porta-malas, que aparenta ter 400 litros ou pouco mais. Dados técnicos completos, versões e preços só serão divulgados em julho.

Seu desenho é bem resolvido, sem pontos de gosto duvidoso como no March e no Versa. O teto de cor diferente da carroceria não estará em todas as opções. O acabamento é caprichado, algo fácil de notar pela forração interna de couro, inclusive no painel.

Versões mais completas como a SL da foto poderão ter os recursos Around View Monitor (monitor com visão 360°) e o Moving Object Detection (detecção de objetos em movimento), que utilizam quatro câmeras integradas para exibir uma visão total do carro e alertar o condutor no caso de perigos que poderiam passar despercebidos. A central multimídia tem tela colorida de sete polegadas.

A Nissan ainda faz mistério em relação aos motores e transmissões, mas já se sabe que haverá opção 1.6 e câmbio automático do tipo CVT. Em julho ocorrerá o lançamento de verdade, quando a montadora divulgará todos os detalhes do modelo, preços e versões.

O Kicks mede 4,29 metros, tem 1,59 m de altura e 2,61 m de distância entre eixos. As dimensões são muito próximas às do HR-V. Como projeto global, o Nissan será vendido em 80 países.

A partir do dia 3, terça-feira, o Kicks acompanhará o trajeto da tocha olímpica de Brasília (DF) até o Rio de Janeiro por 20 mil quilômetros. O carro passará por 328 cidades durante 95 dias.

Volkswagen cria seu modelo de revolução industrial no Brasil

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



Apesar de o Brasil ainda estar engatinhando no que se refere à quarta revolução industrial, denominada Indústria 4.0 (leia [aqui](#)), o País já conta com exemplos do que pode vir a ser parte das adaptações do conceito de manufatura avançada, que consiste em fábricas inteligentes com flexibilidade, gerenciamento eficiente, ergonomia e integração digital com fornecedores.

Durante o Workshop A Indústria 4.0 e a Revolução Automotiva realizado por Automotive Business na segunda-feira, 2, em São Paulo, o diretor de manufatura da Volkswagen do Brasil, Celso Placeres, apresentou as ações que a empresa adota e que foram transformadas em inovações e tendências em busca desta nova era da industrialização.

“O conceito [de Indústria 4.0] busca não só a produtividade com redução de custo, mas trazer benefícios também para o cliente, que já é um consumidor com perfil conectado e que graças a isso quer um produto cada vez mais personalizado, diferenciado e que atenda seus requisitos”, ressalta.

Para isso, a empresa vem se adequando a uma nova maneira de produzir no Brasil com base em uma manufatura que converse o tempo todo com as carteiras de alimentação.

“Para se ter uma ideia, colocar em linha um veículo de cor amarela requer planejamento, uma vez que trocar a tinta, lavar os bicos, usar solvente para limpar tem seu custo. Fazer isso agora, com apenas um carro, ou fazer na próxima semana

quando terei um pedido com cinco modelos nesta mesma cor? A ideia é que a fábrica inteligente tenha autonomia para decidir e que no futuro a demanda do cliente se comunique diretamente com o processo de produção”, conta.

Desde 2008 todos os novos projetos para as quatro fábricas da empresa no Brasil – Anchieta, São Carlos, Taubaté (SP) e São José dos Pinhais (PR) – já nascem de um modelo digital.

Isso significa que antes de entrar em produção, tanto a linha de montagem, seus processos e sequências, quanto o novo produto foram concebidos no mundo virtual, por meio de softwares de simulação em ambiente 3D.

“Isso é fundamental para elevar a produtividade e a qualidade, além de garantir nossa participação em projetos globais, manter nosso conhecimento técnico e aumentar nossa competitividade”, ressalta Placeres.

A Volkswagen investiu R\$ 31 milhões entre 2006 e 2015 com a aquisição de softwares, hardwares e também em treinamento para profissionais começarem a lidar aqui com a nova realidade da Indústria 4.0.

Segundo Placeres, os investimentos deram novo ar de modernização e flexibilidade às unidades, em especial a de São Carlos, que se preparou já sob os conceitos da revolução industrial para a introdução dos novos motores EA 211.

Nesse sentido, a empresa contou com parceria da Universidade Metodista de Piracicaba, cujos alunos de engenharia realizaram todo o processo de simulação das novas linhas de montagem dos motores.

“Com isso garantimos um índice de 99% de acerto nos projetos”, afirma. Ele acrescenta que outro exemplo é o investimento de R\$ 427 milhões que a Volkswagen aplicou na unidade de Taubaté para a modernização da área de pintura entre 2012 e 2013. Na ocasião, a empresa contou com 52 fornecedores para os quais pediu que entregassem antes seus projetos em formato totalmente digital.

“Identificamos 296 interferências na realidade virtual e as evitamos quando executamos o projeto no mundo real. Se não tivéssemos simulado antes e eliminado as interferências, gastaríamos R\$ 19 milhões adicionais para corrigi-las, 5% a 6% do investimento inicial”, revela.

A adoção de uma estrutura conectada também deu às linhas de montagem maior precisão e redução dramática de estoques, graças à parceria de fornecedores que se esforçam para atender aos novos requisitos da montadora quanto à conectividade da cadeia.

“Estamos produzindo cada vez menos os lotes dos veículos mais vendidos para acrescentar cada vez mais os pedidos de clientes que têm origem até na internet”, afirma. Placeres destaca que o planejamento junto aos fornecedores tem sido cada vez mais acertado: “Antes trabalhávamos com estoque de peças para até nove dias, hoje este índice caiu para três dias.”

Apesar de contar com bons exemplos de manufatura inteligente, Placeres concorda que ainda há alguma dificuldade na cadeia de fornecedores em adotar novos processos, embora defenda as parcerias para dar continuidade à revolução que a VW já vive em suas fábricas.

“Nem todos têm recursos para investir em novos processos, isso é fato quando olhamos para tiers 2, tiers 3 (fornecedores de segundo e terceiro níveis na cadeia). Mas é possível fazer e avaliar onde é mais necessário, fazer células, ilhas de

automação. Muito se fala em crise, mas é lição de casa buscar as oportunidades. Em tempos de crise, crie”, defende.

Fornecedores de autopeças e serviços se adaptam à nova era da indústria

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A base de parceiros e fornecedores da cadeia produtiva do setor automotivo se movimenta para atender as necessidades impostas pelo avanço da Indústria 4.0. O tom da nova era para as fábricas de veículos será ditado por maior cooperação entre as empresas de autopeças, concorrentes e montadoras, que terão relacionamento mais próximo do que meras relações comerciais.

Outro pilar importante é o aumento do peso da área de tecnologia da informação dentro das companhias. Estas foram as principais conclusões apresentadas em debate durante o Workshop A Indústria 4.0 e a Revolução Automotiva, realizado por Automotive Business na segunda-feira, 2, em São Paulo.

“Vai surgir o que eu chamo de 'coopetição', uma mistura de competição com cooperação”, acredita José Rizzo Hahn, presidente da Pollux Automotion, ao falar da linha cada vez mais tênue que diferencia um concorrente e um parceiro.

O executivo aponta que há duas vertentes de Indústria 4.0. A primeira, alemã, tem a automação e o aumento do uso de robôs nas fábricas como base. “É um sistema mais conservador. Muito planejado e organizado que conta com a participação do governo e da academia”, esclarece.

A outra vertente é a vista nos Estados Unidos, onde a revolução da indústria está concentrada em softwares e no empreendedorismo, com grande participação de jovens e startups na oferta de soluções. Para Hahn, o Brasil terá de encontrar um caminho no meio deste contexto.

O importante, ele enfatiza, é correr atrás de um formato adequado. “É suicídio deixar de pensar na Indústria 4.0”, avisa, lembrando que as transformações acontecem em ritmo acelerado. O executivo defende que as empresas devem investir em tecnologia da informação ao ampliar seus times com profissionais desta área ou manter internamente especialistas no assunto, muitas vezes terceirizado.

Besaliel Botelho, presidente da Bosch, concorda. Ele conta que há crescente preocupação com os profissionais que atuarão nessa indústria. “O homem continuará a ter papel essencial, mas com outras competências, mais especializado.” Para o executivo, a inteligência usada em processos produtivos comuns é muito diferente da necessária para a Indústria 4.0.

Hahn lembra que o processo de transformação para o novo modelo deve vir acompanhado de consolidação na cadeia de fornecedores automotivos. No longo prazo, ele aponta que a tendência é por diminuição do número de fornecedores de autopeças, com fusões em busca de soluções mais eficientes e flexíveis para os clientes.

A ideia é gerar valor. Outra influência é a chegada de novos players ao mercado. “A Tesla, por exemplo, já vai muito bem nos Estados Unidos”, aponta, destacando o sucesso da jovem fabricante de carros elétricos.

CUSTOMIZAR EM MASSA

De mãos dadas com a indústria 4.0 está a evolução dos produtos e da conectividade dos veículos. Os executivos que participaram do debate fazem coro ao falar de uma tendência que ganha espaço rapidamente: a customização em massa. A ideia é que, com fábricas flexíveis e conectividade, as companhias entendam o desejo dos consumidores e possam oferecer produtos únicos e adequados, mesmo que fabricados em série.

Na prática, esta é uma dinâmica que já funciona bem no mundo digital, com empresas como Google e Facebook, por exemplo. Estas companhias detectam as preferências dos usuários para que cada um deles receba de uma forma as informações e atualizações.

No caso das fábricas conectadas e automatizadas, será a rede de dados que comanda pessoas e robôs que recepcionará esses desejos para produzir em uma mesma linha carros com características diferentes.

Wilson Bricio, presidente da ZF América do Sul, destaca que as empresas têm de romper a inércia para que consigam superar a crise atual e se preparar para entregar a inovação que o cliente pede e a solução que os parceiros da cadeia produtiva precisam.

“Temos de manter o radar sempre ligado: ver onde está tecnologia e a necessidade e fazer o match. Não podemos ter vergonha de buscar parceiros e pedir ajuda”, explica, dando sinais de que já trabalha dentro da nova lógica da colaboração.

MAN montará caminhão VW na Nigéria

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A MAN Latin America informa que começou a embarcar de sua fábrica em Resende (RJ) os primeiros kits CKD (completamente desmontados) do caminhão Volkswagen Worker para montagem na Nigéria. A nova linha de produção no país africano foi concebida em parceria com a Leventis, importadora oficial dos veículos comerciais da MAN naquele mercado.

Segundo a fabricante, no início do segundo semestre os modelos VW Worker 15.180, 17.220 e 18.310 passarão a ser montados na Nigéria e de lá poderão ser exportados para países vizinhos, graças a acordos de livre comércio na região do oeste africano. A MAN estima que o potencial de mercado poderá chegar a 400 unidades por ano.

A MAN Latin America também tem uma unidade de montagem de seus caminhões na África do Sul, onde são produzidos veículos com direção do lado direito, também a partir de kits enviados de Resende.

Em cerca de uma década de operação, a linha sul-africana já montou mais de 3 mil veículos. Outra operação parecida é a fábrica no México, em Querétaro, responsável pela montagem de mais de 10 modelos de caminhões e ônibus Volkswagen.

Ao longo de seus 35 anos de história completados este ano, a MAN Latin America –

até 2009 com o nome Volkswagen Caminhões e Ônibus – produziu mais de 850 mil veículos comerciais com as marcas Volkswagen e MAN, a maior parte deles vendida no Brasil e com exportações de unidades inteiras ou desmontadas para 30 países.

Este ano a fábrica de Resende completa 20 anos com 720 mil veículos já produzidos sob o sistema de consórcio modular, no qual fornecedores executam as partes da produção dos veículos.

Brasil patina para encontrar seu papel na atual revolução industrial

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



Está em curso no mundo uma nova revolução industrial que já está mudando a lógica do desenvolvimento e dos sistemas de produção e que afeta em cheio o setor automotivo.

A denominada Indústria 4.0 – ou manufatura avançada – veio para ficar e como ela será realidade dentro do escopo da mobilidade. Este foi o tema central do Workshop A Indústria 4.0 e a Revolução Automotiva, realizado por Automotive Business na segunda-feira, 2, em São Paulo.

Para Rodrigo Custódio, diretor da consultoria Roland Berger, este processo de transformação acontece em ritmo acelerado e terá como resultado mudanças disruptivas em contraste com as habituais evoluções graduais.

Ele avalia que há oportunidades para que os países ocupem posições de destaque neste novo contexto, que reúne internet das coisas, automação, softwares, análise de dados nas fábricas e em toda a cadeia produtiva, incluindo logística e armazenamento. Com estes recursos, são formadas redes que integram empresas, linhas de montagem, homens e máquinas.

Com tudo conectado, robôs de uma linha de produção podem trabalhar com manutenções preditivas automatizadas, por exemplo. Os ganhos atingem toda a cadeia logística que, em rede, ganha expressivos índices de eficiência. O objetivo de trabalhar com esta nova plataforma é a produtividade.

Enquanto na Alemanha esta evolução está baseada na participação impressionante de robôs nas linhas de montagem - são mais de 400 mil -, no Brasil o caminho ainda não está claro.

“Estamos atrasados na automação, mas a Indústria 4.0 não será mais um modelo que importaremos de fora. Ela vai exigir muita ação para que cheguemos a um formato próprio, com conhecimento desenvolvido localmente. O Brasil pode dar um salto ou perder o bonde”, avalia.

Kai Probst, diretor de desenvolvimento de negócios da divisão digital da T-Systems, concorda. No evento ele citou que cada empresa e mercado chegará ao seu modelo ideal. “A Indústria 4.0 pressupõe que a gente abra a cabeça, não feche a atuação em busca de uma solução única. Não é destruir o antigo, mas pensar em como evoluir e adaptar para a nova realidade”, observa.

OS CAMINHOS PARA O BRASIL

Nesse processo, Custódio, da Roland Berger, indica que o Brasil deve ficar atento aos principais aspectos que funcionam como base para esta revolução industrial. O primeiro deles é a automação das operações. Em seguida ele cita a necessidade de padronização. "Precisamos chegar a um consenso com governo, academia e o meio industrial. É preciso cobrar isso", defende.

Outro ponto essencial, ele indica, é uma boa estrutura de telecomunicações e rede 4G para dar conta da demanda por internet neste novo cenário. A educação também é aspecto relevante, segundo o consultor. Tantas mudanças devem alterar o perfil do profissional que trabalhará na indústria: a necessidade já aponta para engenheiros e pessoas capacitadas na área de software, por exemplo.

Já do lado das empresas, Custódio determina que chegou o momento em que será essencial fazer da inovação parte da cultura corporativa, não apenas um departamento. "Hoje enfrentamos muita burocracia e um desincentivo às tentativas e erros", critica, lembrando que foi esse um dos aspectos-chave para a ascensão das empresas do Vale do Silício, nos Estados Unidos.

Segundo Rogério Albuquerque, executivo de vendas para o setor automotivo da Siemens PLM, no caso do Brasil, além de diferentes modelos de negócio, vale as empresas se debruçarem no universo digital, uma vez que ele ajuda a simular sistemas de manufatura, entre outras situações, para definir o que será feito na realidade do chão de fábrica.

"É fato que existem iniciativas no Brasil, as montadoras estão mais empenhadas neste sentido, mas quando olhamos para tiers 2 ou 3, a realidade ainda é bem trágica em se tratando desse tipo de modernização. Algumas engenharias têm, usam softwares capazes de prever e simular situações, mas ainda escutamos que é necessário haver essa quebra de paradigma no chão de fábrica", alerta.

Segundo Ivar Berntz, sócio-diretor da Deloitte, este será um dos grandes desafios que a indústria nacional encontrará, o de formar e contratar multiprofissionais que atendam - e entendam - as novas necessidades para lidar com a manufatura avançada.

Em uma pesquisa da Deloitte realizada com 550 executivos de 40 países sobre os principais fatores alavancadores da competitividade, o primeiro item que aparece na lista por importância é "talento", seguido por "custos" como segundo fator mais importante. "Produtividade e força de trabalho" aparecem como terceiro item para esses CEOs ouvidos pela consultoria internacional.

O ranking dos países mais competitivos em termos industriais e de manufatura mostra a desvantagem do Brasil, que em 2010 ocupava a terceira posição, atrás apenas de China, em primeiro lugar, e Estados Unidos, na vice-liderança.

"Em 2016, o Brasil caiu para a 26ª posição e para 2020 a estimativa é de que melhore um pouco e fique na 23ª, mas ainda longe do Top 10, que ganha Alemanha, Japão e Reino Unido já neste ano", alerta Berntz.

Ele aponta que fora da China os Brics em geral não vão bem quando o assunto é competitividade manufatureira, com exceção da Índia, que pode voltar a crescer mais rapidamente, ao contrário de Brasil e Rússia, que enfrentam profunda recessão econômica.

Já para Miguel Duarte, sócio-diretor da EY (Ernest&Young), "o mundo digital transforma atitudes e sua hipercomplexidade desafia os velhos paradigmas". Com esta constatação ele define que há caminhos táteis e possíveis para diferentes mercados, valendo-se de planejamento.

“Automóvel e mobilidade não significam a mesma coisa e o impacto desta ruptura é o que está provocando uma mudança de paradigmas”, afirma. “E na indústria automotiva este é um cenário altamente volátil, incerto, complexo e ambíguo.”

Duarte cita exemplos que mostram outra face das montadoras, que já mergulham no mundo novo da era digital, como o da General Motors que comprou recentemente a Lyft por US\$ 500 milhões.

A empresa que opera nos Estados Unidos é especializada em transporte privado e de compartilhamento de veículos – concorrente do Uber, este último já conhecido no Brasil.

Ele lembra também da Ford que lançou nos Estados Unidos (Texas) um programa piloto de leasing compartilhado, no qual grupos de três a seis pessoas têm a posse comum do mesmo carro, dedicado a consumidores que não precisam de um veículo em tempo integral, mas que gostariam de dispor do carro em algumas ocasiões.

“Quantos ativos todos nós temos e que não usamos ou usamos muito pouco? Em média, a taxa de utilização do carro é de 5%: o carro não é usado 23 horas por dia”, reforça.

Setor automotivo está em estágio de transformação

03/05/2016 - Fonte: Automotive Business



A indústria automotiva mundial se encontra no limiar de um estágio de transformação profunda, que muda a relação com seus clientes e fornecedores, e por consequência transforma a maneira de desenvolver, fazer e vender seus produtos, hoje vistos na forma de veículos conectados em rede móvel de dados, com introdução de sistemas automáticos e direção autônoma.

Ao mesmo tempo em que esse novo ecossistema desafia empresas tradicionais e lentas para promover mudanças em seu modelo de negócios, também significa que existem novas oportunidades de mercado que poderão ser aproveitadas pelas montadoras que adotarem uma postura de liderança nesse processo.

Essa foi a principal mensagem de Ricardo Bacellar, diretor de relacionamento com o setor automotivo da consultoria KPMG, em sua palestra durante o Workshop Indústria 4.0 e a Revolução Automotiva, realizado em São Paulo por Automotive Business na segunda-feira, 2.

Na mesma linha, Paulo Cardamone, diretor da Bright Consulting, avalia que as empresas do setor automotivo precisam “olhar o futuro, para voltar ao presente e tomar decisões para influenciar esse futuro”.

Ele aponta que existe uma revolução tecnológica do automóvel em curso que está transformando a indústria rapidamente, com exigências cada vez maiores de aumento de segurança, mais conectividade e redução do consumo e emissões. Isso também muda a relação com os consumidores, cada vez mais conectados, que exigem o aumento das relações virtuais.

“Nesse cenário, as montadoras têm de reduzir as margens e manter os preços, mas também podem aproveitar novas fontes de receitas que surgem com o tráfego de dados”, pontua.

Bacellar alerta que não se trata de exercício de futurologia, mas de realidade atual, à qual a indústria precisa se adaptar rapidamente, sob o risco de ficar para trás e perder clientes e faturamento. “É preciso estar preparado para as transformações e mudar, mas um passo em falso pode custar muito caro.

Um exemplo são as empresas de telecomunicações, que não aproveitaram diretamente inovações que surgiram em seu meio, como Facebook ou Whatsapp”, diz o consultor.

“Os ciclos de renovação hoje são mais curtos e constantes. É como um smartphone, que fornece o máximo de inovação em todo seu tempo de vida. Os automóveis também precisam seguir essa velocidade evolutiva para conquistar o novo consumidor”, avalia.

“AGENDA PARA ONTEM”

O consultor da KPMG entende que o carro continuará ainda a ser um bem de consumo aspiracional, mesmo com a queda de interesse dos mais jovens por ter um automóvel e o surgimento de plataformas de compartilhamento de veículos.

“O carro compartilhado será um bem básico, enquanto o particular seguirá sendo atrativo desde que ofereça os diferenciais que esses jovens querem, como um ambiente 100% conectado e funcionalidades tecnológicas”, explica.

Para lidar com esses novos tempos, Bacellar sugere uma “agenda para ontem”, em que os fabricantes de veículos e seus sistemas precisam começar a tomar medidas desde agora para aproveitar as oportunidades de mercado que surgem.

“Ficar parado já é ficar atrasado. A indústria automotiva precisa tirar proveito das novas tecnologias liderando as transformações, para não ter perdas como aconteceu com as empresas de telecomunicações”, enfatiza.

Entre os temas dessa agenda urgente, um dos principais é a mudança do modelo de negócio e a rápida adaptação a uma nova relação com os clientes, que hoje tomam decisões de compra em tempo real.

É necessário ampliar os canais de relacionamento on-line e criar programas de fidelidade, aos moldes dos programas de milhagem das companhias aéreas, para influenciar e aproveitar os desejos de consumo.

“A conectividade dos automóveis está criando um fluxo de dados imenso. Essa informação é ouro em pó que pode criar novas receitas como o fornecimento de serviços, por exemplo”, destaca Bacellar.

Contudo, para tirar proveito dessa oportunidade, o consultor alerta que as montadoras vão precisar investir mais em análise de dados (*data analytics*) e também em sistemas de segurança para proteger essas informações.

“Haverá possibilidade, por exemplo, de um motorista fazer um check-up médico enquanto dirige, mas é o tipo de informação confidencial que precisa ser protegida. Mas a segurança nunca foi um impeditivo para nenhuma evolução tecnológica, basta aprender com o setor bancário, que conseguiu migrar seu atendimento para a internet com todas as precauções necessárias”, pontua.

Os processos produtivos e a cadeia de valor da indústria automotiva também passam

por transformações. As linhas de produção estarão cada vez mais conectadas e vão fazer carros mais customizados.

Alguns fornecedores irão desaparecer ou realinhar seus negócios para uma nova realidade, mas também novos participantes vão surgir, como fornecedores de baterias ou de seguros que poderão ser adquiridos on-line pelos compradores de automóveis.

BRASIL

Todas essas questões têm endereçamento lento no Brasil, mas também chegam por aqui. "A maioria das evoluções tecnológicas acontece primeiro nos países desenvolvidos, mas hoje isso vem mais rápido aqui e nossa vantagem é que chega em estágio mais aprimorado, nós também vamos tirar proveito disso", resume Ricardo Bacellar.

Paulo Cardamone alerta que a indústria automotiva instalada no País segue atrasada em relação à evolução global, porque não resolveu seus problemas de competitividade enquanto tinha fôlego para isso, nos anos de crescimento econômico, e agora em período de recessão será difícil destinar investimentos ao desenvolvimento e modernização do setor.

"O Inovar-Auto trouxe pouca inovação, foi insignificante. Deveremos atingir os níveis de consumo e emissões porque foi o único item do programa que tinha metas, prazos e multas. Mesmo assim, ainda ficaremos desfasados em relação ao resto do mundo", critica.

Para Cardamone, o mercado brasileiro de veículos deverá continuar no nível máximo de 2 milhões de unidades por pelo menos três anos.

"O problema é que esse volume não é suficiente para todas as 30 marcas que estão aqui", destaca. Ele também avalia que as exportações, embora crescentes, não terão força suficiente para cobrir a enorme ociosidade aberta nas linhas de produção, que já ultrapassa os 50% neste início de 2016.

"Câmbio não resolve os problemas de competitividade de ninguém, até porque ninguém sabe por quanto tempo a cotação fica no nível atual. Exportar um veículo não depende só do câmbio favorável.

Existe excesso de capacidade produtiva no mundo todo em torno de 30% e até 2020 as montadoras já traçaram seus planos de onde e para onde vão exportar. É preciso ter produto e custo adequado para isso, coisa que o Brasil ainda não tem", ressalta.

Por que Henrique Meirelles é o favorito do mercado financeiro para o Brasil da crise

03/05/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Meirelles confirmam oficialmente o cortejo, muito embora dois encontros da dupla na semana passada tenham sido noticiados, o que fez a bolsa subir e o dólar cair na sequência. Vindo de uma longa e premiada carreira no Brasil e no exterior pelo antigo BankBoston, Meirelles está atualmente à frente do banco Original, do grupo JBS. Entre esses dois empregos em bancos privados, houve a presidência do BC dos dois mandatos de Lula.

Sua passagem pelo governo é lembrada pela transparência na comunicação, um ciclo bem sucedido de redução de juros, a inflação domada a seus cuidados, e uma expansão contínua do PIB.

Na época, era filiado ao PSDB e parecia ser alguém muito alinhado à elite para estar num governo voltado ao trabalhador, que contava com forte resistência dos donos do dinheiro. As empresas levaram um tempo para descongelar seus projetos de investimento até ter certeza de que o ex-sindicalista não faria nenhuma loucura com a economia.

Meirelles foi chamado para ser o fiador de Lula junto ao mercado, o recado de que governaria cumprindo a cartilha econômica. Foi o chefe do BC que ajudou a quebrar as resistências dos investidores. Numa entrevista concedida ao final de 2006 à revista IstoÉ, ele afirmou o que seria a chave para o sucesso da sua gestão no primeiro Governo Lula.

“Neste governo, a grande mudança é que ancoramos a expectativa de inflação. Hoje, o mercado tem a certeza de que o Banco Central vai cumprir a meta de inflação”.

Agora filiado ao PSD, o economista nascido em Anápolis (Goiás, no centro-oeste do país) há 70 anos vê-se novamente instado a cumprir o papel de fiador da economia em um momento delicado do Brasil, incluindo uma inflação que estourou a meta. Mas, com diferenças substanciais em relação à sua primeira passagem pelo poder público.

Naquela época, Lula tinha o apoio popular de 50 milhões de brasileiros que o elegeram, embora os empresários desconfiassem dele. Agora, é exatamente o oposto. Meirelles pode entrar em um Governo com baixíssimo apoio popular – apenas 8% dos brasileiros se sentem representados por Temer – e alta expectativa de agentes financeiros. Não seria de se estranhar que a aceitação de Meirelles possa até superar a de Temer, pois tem mais credenciais que o atual vice.

Se confirmado ministro da Fazenda, precisará implementar medidas bastante indigestas para os brasileiros, como a redução de gastos em áreas sociais, trabalhar pela reforma da Previdência, que altera a idade da aposentadoria, e mirar aumento de impostos.

Todas medidas que devem incendiar os movimentos sindicais e sociais que se sentirem atingidos, e Meirelles pode ver-se transformado em algoz do trabalhador do dia para a noite.

“Ninguém tem grandes ilusões de que ele vai salvar o país no curto prazo, mas a questão inicial [para um eventual novo Governo] é oferecer confiança. E Meirelles tem esse capital”, observa Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura de Lula.

O eventual ministro da Fazenda sabe o peso da palavra “confiança” entre seus pares. Ao sair de um encontro com Temer no último dia 29, recorreu ao verbete em conversa com jornalistas para falar sobre o que o Brasil precisa atualmente.

“É preciso confiança na solvência futura do Estado brasileiro [contas públicas em ordem] e são necessárias medidas que possam de fato, conjuntamente com a restauração da confiança, levar ao aumento dos investimentos, das contratações, das concessões de empréstimos, para que as empresas possam voltar a produzir e contratar”, disse.

No curto prazo, a ausência de esperanças de um futuro melhor – num momento em que o único consenso é que o Brasil vai enfrentar mais desemprego e recessão até o final de 2016 – favorece a chegada de Meirelles (e do próprio Temer, se confirmado na presidência), avaliam especialistas. Isso porque qualquer medida que ofereça uma luz no fim do túnel na atual escuridão em que se encontra o país vai ganhar destaque.

Luis Eduardo Assis acredita que muitas medidas amargas já foram tomadas por Dilma no ano passado e a situação fica mais confortável a partir de agora. "Bem ou mal, já houve os ajustes de preços da gasolina, de energia, e já houve alta de juros para controlar a inflação no ano passado, que começa a ceder", afirma.

Embora ainda supere a meta oficial, a inflação deve fechar este ano mais próximo da meta de 6,5% - o mercado espera um pouco acima dos 7%. Em 2015, a inflação foi de 10,67%.

Sem Dilma

Num potencial governo Temer, Meirelles oferece ainda outro atributo valoroso, aos olhos dos agentes financeiros. "Finalmente vamos ter um ministro que vai conseguir ser ministro", afirma Sérgio Valle, da MB Associados, numa clara ironia pelos anos Dilma.

A presidenta, que também é economista, é acusada de interferir demais nas decisões da Fazenda. Isso ficou claro neste segundo mandato, quando bateu de frente com Joaquim Levy na hora de acertar os compromissos para a meta fiscal. Seu ex-ministro dizia uma coisa, e Dilma anunciava outra.

Um pecado imperdoável para o impiedoso mercado, que gosta das coisas muito bem explicadinhas, como diria o personagem de um antigo humorístico da TV brasileira. "Levy era um ministro isolado. Com Meirelles há a chance de termos um 'triumvirato' afinado", completa Valle, referindo-se aos outros nomes que podem ocupar o Ministério do Planejamento e o próprio Banco Central.

Mansueto de Almeida, especialista em contas públicas, também enxerga em Meirelles a possibilidade de se tornar um forte capitão do time econômico. "Uma boa equipe econômica, onde todos falem a mesma língua, o que não acontecia com o PT ultimamente, já será benéfico e é fundamental", afirma.

As expectativas tão altas à sua chegada, por outro lado, podem frustrar o mesmo mercado, acredita Marcos Lisboa, presidente do Grupo Insper, que vê uma lua de mel limitada para um futuro Governo Temer.

"Há uma tendência a um sentimento de alívio, de melhora, com o eventual desfecho do impeachment em uma direção", disse ele pouco antes da votação do impeachment na Câmara. "Mas esse sentimento é exagerado. Pode gerar um movimento cíclico de certa euforia."

Meirelles tem a seu favor, a priori, um Congresso que apoia a chegada de Temer e que pode aprovar as reformas impopulares necessárias. Mas esse apoio também é uma incógnita, uma vez que alguns projetos precisariam ser avaliados ainda neste ano de eleições, e os deputados têm seus interesses políticos a defender para não ficar mal com o eleitor.

Há, ainda, uma guerra de interesses de todos os partidos que apoiaram o impeachment da presidenta e cobram agora cargos num eventual Governo de transição, e que não devem ficar satisfeitos de terem restrições para gastar.

Seja como for, Meirelles já tornou-se personagem chave para o Brasil da crise, bajulado à esquerda e à direita. Tanto que foi cogitado a integrar o governo Dilma duas vezes.

A primeira quando Joaquim Levy deixou o Governo no final do ano passado. A bolsa subiu rapidamente diante das especulações, que se mostraram infundadas. Seu nome voltou a ser debatido como a solução, caso a presidenta sobrevivesse ao impeachment. E agora sua volta é considerada certa com Temer.

Esse apreço declarado tem um motivo. Aliás, mais de um. Meirelles reúne as qualidades "astrais" de que o mercado se alimenta. Investiu numa linguagem acessível em seus tempos de presidente do BC, mostrou-se comprometido com o cargo ao ficar oito anos com Lula, entre 2003 e 2010 – tornando-se o mais longo chefe da autarquia – e manteve a inflação dentro da meta durante o seu reinado, calibrando as taxas de juros para cima ou para baixo, a depender dos ventos do consumo.

Quando assumiu, em 2003, os juros no Brasil estavam na casa dos 25% e a inflação fechara o ano anterior em 12,53%, acima da meta da época, de 11%. Quando saiu os juros estavam em 10,75% e a inflação a 5,91%, abaixo do teto de 6,5%.

Aos olhos de seus admiradores, Meirelles soube dar a dose correta do veneno, inclusive ao longo do trágico ano de 2009, que parecia devorar o mundo inteiro. Vale saber se a máxima do mercado financeiro de que ganhos passados não garantem o lucro futuro vai ser contrariada por Meirelles.

Exportações puxam aumento de receita líquida da Marcopolo

03/05/2016 - Fonte: Pioneiro.com



A Marcopolo divulgou nesta segunda-feira o balanço do primeiro trimestre. A receita líquida somou R\$ 428 milhões. Na comparação com os primeiros três meses do ano passado, cresceu 34%, muito em função do aumento de 20% nas receitas de exportações. Deste total, 55,1% representam os negócios do mercado externo. As informações são da Gaúcha Serra.

A produção total da fabricante de ônibus de Caxias do Sul atingiu 1.365 mil unidades no trimestre, 1.077 fabricadas no Brasil. É uma queda de 45% em relação ao mesmo período do ano passado.

O que ajudou a compensar as perdas foi o aumento de 8,1% da fabricação para exportações. Foram enviadas ao exterior 719 unidades.

A participação de mercado da companhia no Brasil foi de 32,2% neste início de ano. O market share geral da Marcopolo foi afetado pelas férias coletivas adotadas na unidade Ana Rech em janeiro e pelo lay-off na unidade da Marcopolo do Rio de Janeiro ao longo de todo o primeiro trimestre.

No balanço de investimentos, a fabricante de ônibus investiu R\$ 36,5 milhões em máquinas, equipamentos e outras operações.

Entre as demais empresas controladas pelo grupo, foram investidos R\$ 34,1 milhões na Volare Espírito Santo e R\$ 1 milhão nas demais unidades. No final do mês passado, a empresa lançou o novo modelo de micro-ônibus Volare 5, com características muito mais próximas de veículos de passeio.

A crise brasileira sob a ótica de executivos estrangeiros de indústrias de máquinas agrícolas

03/05/2016 - Fonte: Pioneiro.com



Se o cenário político confunde até produtores brasileiros, executivos estrangeiros das indústrias de máquinas também precisam ficar atentos para acompanhar o turbilhão de acontecimentos no Brasil.

O país é um dos principais mercados mundiais e enfrenta a pior recessão em 25 anos em meio a um processo de impeachment da presidente. ZH conversou com três deles para entender como a crise é vista a partir do Exterior e como isso mexe na estratégia de cada empresa.

O austríaco Andreas Klaus garante que a situação do país de maneira alguma interfere nos planos da empresa para o Brasil. Bem humorado, aponta as mudanças recentes na Argentina para mostrar que a solução para a crise pode vir em um curto prazo.

Como o senhor vê a atual crise política brasileira?

É muito difícil para quem é de fora. Nós acreditamos que é só uma questão de tempo para o Brasil estar em uma situação um pouco melhor. É um processo natural de limpeza.

Nunca podemos olhar o problema em um ângulo de curto prazo. O desenvolvimento do mercado brasileiro nos últimos anos é enorme, não aconteceu em nenhum lugar do mundo. Vemos isso (a crise) como um período de consolidação e depois volta ao ritmo normal.

O senhor comentou mais cedo sobre o impacto de um novo governo na Argentina. Acredita que um novo presidente no Brasil seria a melhor solução?

Muito difícil falar ou prever o que vai acontecer. É importante esperar o processo político normal. Na Argentina (a mudança), claramente ajudou. Como vê o mercado agrícola em 10 anos?

Quem serão os principais personagens nesse mercado? Os Estados Unidos, como um mercado muito grande, sólido e estável. O Brasil segue uma potência mundial em relação à expansão de terra arada, e com ganhos de produtividade. Outro potencial de crescimento é a África. Diferentemente do Brasil, que é um mercado exportador, o desafio é tornar o continente autossuficiente em produção de alimentos.

Que países?

No Norte, como Marrocos e Argélia e no Sul, como África do Sul. Desenvolver a agricultura na África é uma questão de interesse também para a Europa porque se as pessoas não têm comida suficiente acabam saindo de lá e em vez de 1 milhão de refugiados na Europa serão 10 milhões, uma situação muito pior do que já está hoje.



Com mais de 20 anos de experiência no setor de máquinas agrícolas, o americano se define como uma pessoa que costuma ver o copo meio cheio ao invés de meio vazio. Com passagem em outras empresas do setor e em outros países, ele garante: o lugar certo para investir é no Brasil.

Como o cenário brasileiro impacta na visão de médio prazo da empresa?

Talvez eu tenha uma visão peculiar a respeito disso, porque sou americano. Nosso planejamento é de longo prazo. A situação que o país vive, política e financeira, é problema de curto prazo e logo vai mudar.

Por isso, estamos trabalhando e continuamos investindo. A boa notícia é que nas reuniões de diretoria do grupo não houve nenhum ajuste nos projetos previstos para o Brasil. Tudo isso continua e estamos apostando 100% nesse mercado.

O senhor é otimista em relação ao Brasil, diferentemente dos executivos brasileiros. Por quê?

Mais uma vez: é uma perspectiva diferente por ser alguém que está observando a situação de fora. Todo o segmento agrícola está enxergando o copo meio vazio. O cenário político traz distrações. Uma vez superado, a recuperação será bastante rápida.

Como o senhor compara a situação da agricultura com outros países do mundo?

Quando você não está aqui 100% do seu tempo, consegue comparar a situação da agricultura brasileira com a argentina, a americana e a canadense. Me sinto um bom juiz para avaliar quem está melhor. Do ponto de vista de agricultura, o Brasil está em uma ótima posição, senão na melhor. É onde eu investiria o meu dinheiro.

Pode haver mais demissões nas fábricas?

Todos ajustes que ocorrem agora são de curto prazo, mas a AGCO não vai colocar em risco todo o investimento feito no Brasil porque nossa visão é mais de longo prazo. Qualquer eventual ajuste, é uma simples adaptação a uma situação de curto prazo.



Com a experiência de ter comandado as operações da New Holland na Península Ibérica, Carlo Lambro se comunica muito bem em português. Ele demonstra a confiança na recuperação brasileira no curto prazo e aponta a experiência vivida pela vizinha Argentina.

Como o senhor está vendo a situação no Brasil hoje? É possível fazer uma relação entre as operações Mãos Limpas e a Lava-jato?

Como empresa, não comentamos movimentos políticos. Somos apartidários. Mas sendo o Brasil uma importante área de negócios para a New Holland, a atenção para o momento político é muito grande. O importante é ter estabilidade. Há uma

expectativa positiva na medida em que há um vizinho, a Argentina, onde as coisas estão melhorando. Lá, a situação é um pouco diferente na medida em que o novo presidente foi eleito pelo povo.

Considerando que os financiamentos a juros reduzidos impulsionaram o setor de máquinas e implementos nos últimos anos, qual o impacto de um possível ajuste fiscal nas contas públicas?

Essa pergunta é mais brasileira, vou pedir ajuda do nosso vice-presidente para América Latina, Alessandro Maritano. Acho que nós, como marca, não temos a capacidade de influenciar o que vai acontecer na política local. Nem queremos. Estamos trabalhando para estarmos preparados para qualquer cenário político-econômico que possa aparecer.

Temos a obrigação de olhar o país no longo prazo. Não vamos para nenhum tipo de investimento por uma questão conjuntural. A capacidade que o Brasil tem de sair rapidamente de crises é conhecida em todo o mundo. Como italiano, o que posso dizer é que vivemos o Mãos Limpas lá na Itália e o Brasil aprendeu conosco.

Os processos foram parecidos e provavelmente a conclusão também seja. Lá melhorou muito, a Itália teve uma limpeza política importante, que gerou uma nova República e que entregou um país mais ágil. No Brasil, a recuperação será mais rápida porque o país tem recursos naturais.

Carvão tem alto potencial tecnológico, aponta MIT

03/05/2016 - Fonte: CIMM

O carvão tem má-fama pela poluição gerada por sua queima, mas novas possibilidades de aplicação podem significar novas impressões. O carvão é basicamente carbono, mas há diferenças enormes na sua forma de cristalização. Por exemplo, o caso do grafite, dos nanotubos de carbono e do grafeno, todos igualmente carbono, mas cada um com suas próprias aplicações e potenciais futurísticos.

Brent Keller, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, decidiu analisar o que poderia ser feito para recuperar o antecedente de má-fama de outros membros da família. Para isso, ele analisou as propriedades químicas, elétricas e ópticas de quatro tipos de carvão mineral, dentre as centenas conhecidas: antracito, linhito e dois tipos betuminosos.

O trabalho mostrou que basta gastar um pouco de esforço na purificação de cada tipo de carvão mineral para que ele revele seus verdadeiros valores, a maioria de alto potencial tecnológico. Na realidade, é o mesmo que acontece com o silício, que é o segundo elemento mais abundante na crosta da Terra, mas que não ocorre naturalmente com a pureza de 99,999% necessária para ser transformado em chips ou células solares.

Condutividade elétrica

Entre os vários aspectos interessantes revelados pelos minerais de carvão destaca-se uma ampla faixa de condutividades elétricas, que se espalha por várias ordens de magnitude - mais de 10 milhões de vezes de um ponto a outro da escala. Isto significa que um único tipo de carvão pode fornecer todas as propriedades elétricas necessárias para um componente eletrônico em particular.

Além disso, simplesmente ajustando a temperatura sob a qual o carvão é processado, é possível ajustar várias propriedades ópticas e elétricas do material para que ele atinja exatamente os valores desejados.

Para demonstrar esse potencial, Keller usou suas amostras, na forma de filmes finos feitos a partir do pó de cada tipo de carvão, para criar um pequeno dispositivo de

aquecimento que poderia ser usado diretamente para desembaçar janelas de automóveis ou evitar a formação de gelo nas asas dos aviões, ou mesmo como parte de um implante biomédico.

Com base nas características do material e dos resultados do teste prático, os pesquisadores afirmam que o carvão pode ser usado em aplicações que vão de painéis solares e baterias até componentes eletrônicos para computadores. Para isso, basta que os cientistas dos materiais olhem para o carvão com outros olhos.

Usiminas se torna a primeira siderúrgica fora dos EUA a entrar para o Hall of Fame da John Deere

03/05/2016 - Fonte: Instituto Aço Brasil

A Usiminas se tornou a primeira siderúrgica fora dos Estados Unidos a entrar para o seleto Hall of Fame da empresa John Deere, líder mundial na fabricação de máquinas agrícolas.

O presidente Rômél Erwin de Souza recebeu o reconhecimento em uma cerimônia realizada em Bettendorf, Iowa, nos Estados Unidos. O prêmio foi entregue à companhia por ter sido classificada pelo quinto ano consecutivo como fornecedora Partner da John Deere.

A classificação faz parte do Achieving Excellence, programa global de avaliação de fornecedores da empresa norte-americana. A Usiminas atingiu os padrões máximos de fornecimento e desempenho de acordo com a avaliação, com destaque para a qualidade dos produtos entregues, que têm atendido aos requisitos desejados pela John Deere e com bom desempenho na aplicação; e a gestão do planejamento, produção e logística, que têm garantido a entrega dos materiais dentro dos prazos confirmados.

Além disso, a siderúrgica também foi reconhecida pelo atendimento realizado por suas equipes de Vendas e Assistência Técnica e pela apresentação de oportunidades para redução de custos junto ao cliente.

Parceira da John Deere há mais de 10 anos, a Usiminas destina seu produto para as operações da empresa em Catalão (GO), Indaiatuba (SP) e nas cidades gaúchas de Horizontina e Montenegro. O aço Usiminas está presente especialmente em plantadeiras, colheitadeiras, pulverizadores e máquinas da linha amarela fabricados pela John Deere em suas unidades brasileiras.

Este é o segundo prêmio internacional recebido pela Usiminas este ano. Em fevereiro, a siderúrgica foi premiada pela Toyota durante o Global Suppliers Convention 2016, evento anual que reconhece os melhores fornecedores da montadora de veículos japonesa em todo o mundo.

O prêmio, recebido por Rômél, foi entregue pelo chairman da Toyota Motor Corporation, Takeshi Uchiyamada, em cerimônia realizada em Nagoya, no Japão. "Estive no Japão e nos Estados Unidos para receber, em nome da Usiminas, prêmios internacionais de alguns dos nossos principais clientes, que atestam a qualidade de nossos produtos e serviços e a nossa capacidade de atender bem", afirma o presidente.

Eduardo Côrtes Sarmiento, gerente-geral de Atendimento ao Cliente, Garantia da Qualidade e Produto, destaca a importância desses reconhecimentos oferecidos por empresas de classe mundial. "É a constatação do trabalho da equipe Usiminas, comprometida em atingir e manter a excelência no atendimento ao cliente", destaca.

Com nova linha Fidelidade, Fomento Paraná aumenta limite do microcrédito

03/05/2016 - Fonte: Agência e Notícias do Governo do Paraná



O governador Beto Richa anunciou nesta segunda-feira (02) o lançamento de uma nova linha de microcrédito especial da Fomento Paraná, com limite de até R\$ 20 mil em capital de giro. A linha Banco do Empreendedor – Microcrédito Fidelidade vai atender microempresas e Microempreendedores Individuais (MEI) que já são clientes da Fomento Paraná e que tenham pago em dia todas as parcelas de contratos anteriores.

Richa também autorizou o aumento do limite para operações de microcrédito para pessoa física, de R\$ 7,5 mil para R\$ 10 mil, e para pessoa jurídica (MEI e microempresas), de R\$ 15 mil para R\$ 20 mil. Esse aumento vale tanto para empreendedores já clientes da Fomento Paraná como para novos. A linha e os novos limites estarão disponíveis a partir desta segunda-feira.

“O país vive um momento econômico difícil. O Estado precisa estar atento e usar as ferramentas disponíveis para ajudar, principalmente, os empreendedores de menor porte a manterem ativos os seus negócios”, afirmou o governador.

“Mais uma vez estendemos a mão aos empreendedores paranaenses oferecendo crédito a juros baixos, enquanto vemos, no resto do País, os empresários sofrendo com a falta de crédito e os juros altíssimos”, disse ele.

O Paraná, destacou Richa, foi o primeiro estado a enfrentar a crise, graças ao ajuste fiscal promovido pelo governo estadual. “As ações estão dando certo, porque contam com o apoio de toda a sociedade, principalmente do setor produtivo. Projetos como este, da Fomento Paraná, demonstram a preocupação e a sensibilidade do governo estadual no enfrentamento da crise econômica nacional”, declarou o governador.

ATENDE DEMANDA - O diretor-presidente da Fomento Paraná, Juraci Barbosa, disse que a nova linha de crédito atende à demanda do mercado e possibilita que os micro e pequenos empresário se mantenham competitivos. “Na contramão da dificuldade econômica do Brasil, trazemos ferramentas para que o empresariado paranaense possa buscar sua renda.

Abrimos esta linha de crédito em um momento em taxa de juro está absurda no mercado financeiro brasileiro e os empresários já esgotaram suas reservas”, ressaltou Barbosa.

“É uma medida necessária, saudável e responsável, que atende as políticas de crédito e de garantias, e que vamos oferecer a quem já é nosso cliente e tenha pago em dia suas prestações. Não precisa de aval porque já confiamos nele”, disse o diretor.

R\$ 45 MILHÕES – A meta prevista no planejamento estratégico da instituição é contratar até R\$ 45 milhões em operações de microcrédito em 2016 – 30% a mais que no ano anterior. Desde 2011, a Fomento Paraná firmou mais de 15 mil contratos de microcrédito, que somam mais de R\$ 140 milhões.

Os pequenos negócios são grandes responsáveis pela geração de empregos formais

(52%) e pela massa salarial (40%). São mais de 10 milhões de estabelecimentos que movimentam a economia no país e representam cerca de 27% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). No Paraná estão registrados 315 mil MEI.

BOA HORA - "Hoje o principal problema das micro e pequenas empresas é a falta de crédito. Os bancos diminuindo o oferecimento de créditos para as empresas de um modo geral, mas principalmente para as de micro e pequeno porte", disse o diretor superintendente do Sebrae-PR, Vitor Tioqueta.

"Esta nova linha de crédito lançada pela Fomento vem em uma boa hora e supre uma grande necessidade do empreendedor que é o capital de giro", afirmou.

ATRATIVOS - A taxa de juros da nova linha Banco do Empreendedor – Microcrédito Fidelidade varia de 1,77% ao mês a 1,98% ao mês, conforme a classificação de risco e a capacitação do proponente. O financiamento pode ser pago em até 36 meses.

O microempresário Moacir Xavier da Silva, dono de uma oficina mecânica em Curitiba, já contratou um crédito de R\$ 15 mil com a Fomento há quatro anos e agora busca um novo empréstimo no mesmo valor para ampliar seu negócio.

"Este recurso me ajudou a adquirir um novo equipamento, que deve aumentar em cerca de 40% o faturamento de minha empresa", contou. "O crédito no banco hoje está difícil, porque a taxa de juro é muito alta. A Fomento Paraná veio mesmo para ajudar o microempresário, pois tem uma taxa de juros e o prazo de pagamento muito atrativos", afirmou.

PRESENCAS – Participaram da solenidade o secretário da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, João Carlos Gomes; o presidente da Compagas, Fernando Ghignone; o prefeito de Campo Magro, Louvanir Menegusso; e representantes de entidades empresariais.

AUMENTO NO LIMITE ATENDE MELHOR

AS NECESSIDADES DE INVESTIMENTOS

Para Juraci Barbosa, diretor-presidente da Fomento Paraná, a adequação do limite para operações de microcrédito vai atender melhor as necessidades de investimento das microempresas. Segundo ele, o microcrédito é uma ferramenta importante para movimentar a economia local, especialmente nos municípios de menor porte, e para aumentar a produtividade das empresas.

"O crédito caro e a dificuldade de acesso a esse crédito inibem os investimentos das micro e pequenas empresas. Estudos demonstram que empresas de menor porte investem menos em máquinas e equipamentos do que as grandes empresas e, por isso, tem uma produtividade menor", explicou o diretor.

CONDIÇÕES – Os financiamentos de microcrédito podem ser usados para projetos de investimento como reformas e ampliações de instalações, compra de máquinas, equipamentos e software, podendo incluir parte em capital de giro para o empreendimento.

Dentro dos valores propostos pela Fomento Paraná, o tomador do crédito poderá financiar até 100% do valor do investimento. Para projetos de investimento do tipo misto, o valor destinado ao capital de giro poderá corresponder a até 70% do valor solicitado para investimento fixo.

Com a nova linha Microcrédito Fidelidade, clientes com bom histórico na Fomento

Paraná, que já tenham quitado seus financiamentos e pago todas as parcelas em dia, podem solicitar financiamentos para capital de giro puro.

De acordo com as normas internas da Fomento Paraná, no caso da linha Microcrédito Fidelidade, por tratar-se de clientes mutuários que pagaram em dia todas as parcelas de contratos anteriores, o aval de terceiros, que é usado como garantia dos financiamentos, poderá ser dispensado, mediante critério de análise prévia da instituição.

PARCERIA E REDE DE AGENTES

AMPLIAM PRESENÇA DA FOMENTO

O microcrédito representa cerca de 80% dos mais de 7.300 contratos ativos mantidos pela Fomento Paraná. É operado a partir de uma rede de agentes de crédito formada pela instituição, em parceria com prefeituras, Secretarias de Estado (Agência do Trabalhador), federações e associações comerciais, sindicatos patronais e Sociedades de Garantia de Crédito (SGCs). São 354 postos de atendimento, localizados em 271 municípios.

O modelo de parcerias, desenvolvido para expandir a presença da instituição e levar o crédito a todas as regiões do estado sem aumentar os custos, rendeu inclusive um prêmio nacional.

A Fomento Paraná venceu o "Prêmio Citi Melhores Microempreendimentos - 2015" na categoria Gestão Inovadora para Instituições de Microfinanças, entregue no início de abril, em São Paulo (SP). O prêmio é realizado pela ONG Aliança Empreendedora e patrocinado pela Citi Foundation e Citibank.

CONFIRA COMO ACESSAR FINANCIAMENTO

Empreendedores interessados em contratar o microcrédito da Fomento Paraná podem dirigir-se a um dos agentes de crédito dos parceiros (lista disponível em www.fomento.pr.gov.br) ou entrar em contato com a Central de Atendimento da Fomento Paraná pelo telefone (41) 3883-7000.

Saiba mais sobre o trabalho do Governo do Estado em: www.pr.gov.br e www.facebook.com/governopr